

UNISA- UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO

FACULDADE DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

CURSO DE HISTÓRIA

Ana Carla Pessoa dos Santos

Helenice dos Santos Rosa Matias

Neilsen Sobrinho

Regina Miranda da Silva

**Transformações no Bairro de Santo Amaro: Migrações e
Urbanização entre 1930 e 1935**

São Paulo

2009.

Ana Carla Pessoa dos Santos

Helenice dos Santos Rosa Matias

Neilsen Sobrinho

Regina Miranda da Silva

**Transformações no Bairro de Santo Amaro: Migrações e
Urbanização entre 1930 e 1935**

“Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de licenciado em História da Universidade de Santo Amaro, sob a orientação do Prof^o. Julio Cesar Ferreira Santos”.

São Paulo

2009.

Ana Carla Pessoa dos Santos

Helenice dos Santos Rosa Matias

Neilsen Sobrinho

Regina Miranda da Silva

Transformações no Bairro de Santo Amaro: Migrações e Urbanização entre 1930 e
1935

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção de Licenciatura
plena em História à faculdade de História e Geografia da Universidade de Santo
Amaro.

Data da Aprovação 25 / 11 / 2009

BANCA EXAMINADORA

Julio Cesar Ferreira Santos

Professor

UNISA- Universidade de Santo Amaro.

Vagner Cavalheiro Porto

Professor Doutor

UNISA - Universidade de Santo Amaro.

Conceito final: 9,0

Aos nossos pais, pelo amor com que nos deram o presente da vida e por terem sido nossos primeiros mestres e modelos.

AGRADECIMENTOS PESSOAIS

NOME: ANA CARLA PESSOA DOS SANTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter colocado em meu caminho pessoas e oportunidades tão importantes e imensuráveis, sou muito feliz por tudo o que tenho.

Agradeço ao professor Júlio César Ferreira Santos, cuja orientação, paciência, inspiração e esteio foram imprescindíveis para a realização desse trabalho, sua atenção toca-nos e acolhe-nos em momentos em que a tempestade parece nunca acabar.

Aos meus pais Maria Conceição Pessoa e Paulo Antônio dos Santos, cujo exemplo de determinação, honradez e perseverança foi a força motriz para que eu nunca desanimasse. Obrigada por terem sempre me insentivado aos estudos e de nunca desistirem de dizer que eu sou capaz.

Ao meu paciente noivo Luiz Aduino Rasquinho, pela afeição profunda que nos une e por saber dizer o que preciso ouvir. Obrigada por fazer parte da minha vida.

Às minhas irmãs Ana Paula e Ana Cláudia Pessoa, aos meus avós, as minhas tias e primos, em especial à Flavia Matos Pessoa e à Bruno de Souza Alves, enfim, à todos da minha família que torceram e acreditaram em mim.

Ao Professor Doutor Vagner Porto, pelas críticas construtivas, sugestões de leitura e novas abordagens, de coração, agradeço pela força.

À minha amiga Rosângela Menezes pela ajuda e carinho de anos de amizade.

E, finalmente aos amigos Helenice Matias, Regina Miranda, e Neilsen Sobrinho, pela união e perseverança, sempre em conjunto para que cada linha deste trabalho fosse melhor. Obrigada pelo carinho, amizade e apoio.

NOME: REGINA MIRANDA DA SILVA

Não poderia deixar de agradecer primeiramente a Deus que me ajudou muito na realização deste grande sonho, me dando vida, saúde e força. Também gostaria de agradecer a minha família e em especial a minha querida mãe Jovenita dos Santos, pelo apoio, incentivo e coragem que me deram nesses três anos de curso. Quero agradecer também aos meus amigos: Ana Carla Pessoa do Santos, Helenice dos Santos Rosa Matias e Neilsen Sobrinho pela amizade, pelo apoio, pelo incentivo e pelo carinho, para que pudessemos ter sucesso na realização deste trabalho. E finalmente, sou imensamente grata a todos os professores que estiveram conosco durante todo o curso e em especial ao Professor Julio César Ferreira Santos e ao Professor Doutor Vagner Cavalheiro Porto, pela paciência, pela dedicação e incentivo na orientação deste trabalho para que pudéssemos realizá-lo da melhor forma possível.

NOME: HELENICE DOS SANTOS ROSA MATIAS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada. Agradeço também ao meu esposo, Anilton Matias que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, quero agradecer também a minha filha Nathalia Matias, que embora não tivessem conhecimento disto, iluminou e me expirou o desejo de vencer mais uma etapa na vida de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos. E não deixando de agradecer de forma grata e grandiosa meu pai e meus amigos, Ana Carla Pessoa, Regina Miranda da Silva e Neilsen Sobrinho que juntos compartilharam esse momento com dedicação, desempenho e perseverança. Agradeço aos professores Wagner Porto e Julio Cesar Ferreira pela dedicação, atenção e carinho com todo o grupo.

NOME: NEILSEN SOBRINHO

Meus agradecimentos a todos os professores aos quais me ajudaram a entender um pouco mais sobre o significado da cultura, sendo eles meus Mestres: Iole, Patrícia, Tereza, Sônia, Celso, Luís Antonio, Rafael, e Vagner, confesso que vocês fizeram com que meu projeto de vida fosse totalmente reconstruído, e para melhor, sendo que em destaque as tiradas do Rafael as vezes, dando a impressão de exagero, mas era uma realidade que só sendo sensível, poderia entender o que ele falava, do Luís que com sua "piadas" no fez gravar coisas da história que dificilmente vamos esquecer, do Celso que me surpreendia a cada aula mostrando seus conhecimentos, nunca sendo previsível, da Patrícia que através de sua cultura nos ensinou a entender autores que nunca compreendíamos e a Tereza que sempre nos explicava o lado da história com o conhecimento que poucos conseguiram, e por fim o Vagner que apesar de toda sua cultura sempre demonstrou humildade, nunca nos olhando de cima para baixo, mas de igual pra igual.

Também gostaria de agradecer a todos os amigos de labuta por esses três anos de convívio, onde muitas vezes quis desistir pelos intempéries da vida e senti uma palavra de incentivo as quais reconheço que sem vocês não teria chegado ao final.

Às amigas de estudo que tiveram a fidelidade de me ajudar desde o início do curso: Carla, Helenice e Regina, um grupo que teve início e gostaria que não tivesse fim, tenho muito apreço por vocês.

Não poderia esquecer meus agradecimentos ao Professor Julio César que nos orientou com paciência e dedicação e que apesar de pouco tempo de convívio passei a admirá-lo pela sua intrepidez, e é disso que o mundo precisa.

RESUMO DA OBRA - LÍNGUA PORTUGUESA

As transformações no bairro de Santo Amaro aconteceram principalmente a partir da década de 30, época em que houve a integração do município de Santo Amaro à cidade de São Paulo, nesta década também ocorreram fatos históricos como a Revolução de 32, em que os santamarenses se viram obrigados a lutar, deixando as comemorações do aniversário do município para vestir a farda, por conta dessa Revolução.

Três anos depois, o decreto Nº 6.983 de 22 de fevereiro de 1935, extinguiu o município de Santo Amaro. Havia necessidade e interesse político em antecipar a anexação de Santo Amaro, um município vastíssimo, que não conseguia se auto sustentar e que devia 500 contos ao tesouro do Estado de São Paulo, sendo assim tornou-se um bairro da capital.

A partir desse fato o principal instrumento para a urbanização do bairro de Santo Amaro foram a presença dos imigrantes que aqui estavam desde século anterior, e com seus ofícios trazidos da Europa, África e Ásia ocasionando um desenvolvimento cultural, econômico e político encontrados até hoje.

Palavras Chaves - Urbanização, Imigração e integração.

ABSTRACT

The changes in the district of Santo Amaro happened mainly from the 30s, when the county of Santo Amaro was joined to the city of São Paulo. During this decade, historical facts also happened, like the Revolution of 32, in which the santamarenses had to fight, letting aside the celebrations of the anniversary to dress their uniform because of this revolution.

Three years later, the decree nº 6.983, in February 22nd, 1935, extinguished the county of Santo Amaro. There was a necessity and political interests on doing in advance the annexation of Santo Amaro, a huge county that could not support it and that owed 500 contos to the Treasure of the State of São Paulo. That's why it became a district of the capital.

From this fact, the main instrument to urbanize the district of Santo Amaro, was the presence of the immigrants who were here since the former century, and with their abilities brought from Europe, Africa and Asia, there were cultural, economic and political developments found here until today.

Key words: Urbanization, Immigration, Integration

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	-	Slogan do Colônia Fest.....	20
Figura 2	-	Cemitério do Colônia	24
Figura 3	-	Bonde elétrico	43
Figura 4	-	Mapa do Município de Santo Amaro.....	51
Figura 5	-	Revolução de 1932.....	62

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

USP	-	Universidade de São Paulo
FUNAI	-	Fundação Nacional do Índio
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.
FAU/USP	-	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ USP
ONG	-	Organização Não Governamental
DERSA	-	Desenvolvimento Rodoviário SA
IBAMA	-	Instituto brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
PD	-	Partido Democrata
PRP	-	Partido Republicano Progressista
M.M.D.C.	-	Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo
UDB	-	União Democrática Brasileira
CETRASA	-	Cento de Tradições Santamarenses

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. CAPÍTULO I - Santo Amaro Hoje - As Marcas dos migrantes.....	18
2.1 Localização e Delimitação de Santo amaro Hoje.....	18
2.2 Santo amaro no contexto de são Paulo.....	18
2.3 Novos Povos para Santo Amaro.....	19
2.4 Etnias.....	20
2.5 Os indígenas de Santo Amaro.....	21
2.6 Religião.....	22
2.7 Recreação e Educação.....	24
2.8 Históricos e Mecanismos do Imigrante nas fazendas.....	27
2.9 Principais Características Hoje.....	29
3. CAPÍTULO II - A influência dos imigrantes para a formação do bairro/cidade....	31
3.1) Migração no Brasil.....	31
3.2) Imigrações para o Brasil.....	32
3.3) Incentivo do Governo Alemão para a emigração.....	34
3.4) Imigração para São Paulo.....	35
3.5) O caso dos alemães.....	36
3.6) O caso dos italianos.....	38
3.7) Os portugueses.....	39
3.8) Os turcos da rua direita.....	39
3.9) Os japoneses.....	40
3.10) Transformações em Santo Amaro para atender o crescimento urbano.....	41
3.11) Adaptação dos imigrantes a Santo Amaro.....	45
3.12) Mistura cultural.....	48
3.13) De Vila a Município.....	49
4. CAPÍTULO III - A Incorporação do Município de Santo Amaro por São Paulo.....	51
4.1) A década de 30 e as influências estrangeiras.....	51
4.2) Movimento de 32 em São Paulo e suas marcas em Santo Amaro.....	53
4.3) Os articuladores de 32 e a mobilização para a luta.....	56
4.4) M.M.D.C. na Revolução de 32.....	57
4.5) Marcas da Revolução de 32 em Santo Amaro.....	58
4.6) Um exército despreparado.....	59
4.7) Enganando o inimigo.....	59
4.8) O plano de urbanização é interrompido.....	62
4.9) Santo Amaro deixa de ser Município.....	63
4.10) Decreto do município de Santo Amaro em 1935.....	63
4.11) Visão do município de São Paulo em 1935.....	65
4.12) Tentativa de Emancipação.....	67

4.13) Santo Amaro volta à vida de Bairro.....	68
5. CONCLUSÃO.....	69
6. REFERÊNCIAS.....	71

1. INTRODUÇÃO

A história da antiga Cidade de Santo Amaro é pouco divulgada e existem poucos documentos a respeito dela, que é o atual bairro da capital, lugar que faz parte de um pouco da história de todos que passam por ele todos os dias.

As principais transformações que ocorreram em Santo Amaro foram na década de 30. Além da Revolução Constitucionalista em 1932, temos a anexação do Município a Capital Paulista em 1935 por necessidade e interesses econômicos e políticos. Temos também como um dos principais fatores dessa transformação as imigrações que ocorreram em épocas anteriores mas que tiveram um grande destaque nos fatores políticos, econômicos e sociais nesta época e que favoreceram para as transformações e urbanização de Santo Amaro também.

Há décadas o estudo da imigração para o Brasil vem atraindo a atenção de inúmeros historiadores, geólogos, sociólogos e antropólogos, numa temática inesgotável que suscita os mais variados questionamentos e diferentes abordagens. A tarefa, sempre árdua, de se resgatar as condições em que se desenvolveu o movimento migratório para milhares de indivíduos de origens diferentes torna-se ainda mais difícil quando as diferenças estão patentes dentro do próprio grupo, como o caso dos alemães que se dirigiram para a Província de São Paulo durante o século XIX. Para eles, esse período foi marcado por grandes transformações e adaptações.

Este trabalho não tem a pretensão de mostrar como uma obra conclusiva acerca das transformações, das imigrações para Santo Amaro e suas respectivas atribuições, mas de dialogar com fontes possibilitando o surgimento de novos trabalhos sobre o tema, e de trazer a tona o cotidiano de um grupo durante muito tempo condenado ao esquecimento.

A dimensão cotidiana é uma instância privilegiada para documentar a experiência dos imigrantes e sua inserção na sociedade paulistana. Usando diversas fontes como: fotos, mapas, decretos, notícias e anúncios de jornais podemos acompanhar, sincrônica e diacronicamente, a trajetória de indivíduos ou grupos, vislumbrando-se a concretude de ações e reações, políticas, econômicas e sociais. A opção por uma abordagem historiográfica baseada numa hermenêutica do cotidiano nos permite explorar a especificidade histórica do grupo estudado, diante do quadro de dados já existentes para outros grupos e momentos da imigração,

presente no país, bem como examinar sua relação com o meio em que os acolheu, destacando suas evidentes transformações.

Dentro da documentação existente sobre o assunto, também podemos perceber um panorama sobre as diversas transformações políticas, econômicas e sociais em Santo Amaro que afetaram a condição da antiga cidade de Santo Amaro e desses imigrantes em sua vida urbana.

O primeiro capítulo deste trabalho, desenvolvido em nove subtítulos, destina-se a abordar atual situação de Santo Amaro no sentido das marcas imigratórias existente nos dias atuais, envolvendo as questões sociais, econômicas e políticas. Partimos do Santo Amaro hoje porque conhecendo o presente temos uma curiosidade maior de conhecer o passado e saber como tudo começou, e qual o percurso corrido para chegar na situação atual.

O segundo capítulo está desenvolvido em doze subtítulos e o mesmo tem o objetivo de fazer uma retrospectiva estudando as relações fundamentais do processo histórico referente à articulação entre as imigrações e a urbanização da área que hoje compreende o bairro de Santo Amaro. A fim de apresentar a fundamentação teórica para a compreensão da contribuição desses grupos sociais, a partir do estudo das imigrações estrangeiras para Santo Amaro, sem descuidar da escala nacional e estadual. O segundo capítulo também se destina a abordar quais eram os objetivos e interesses dos imigrantes ao virem para cá, se conseguiram alcançar esses objetivos e que influências trouxeram para a economia, para a política e para a questão social da época.

O terceiro e último capítulo objetiva destacar nosso recorte temporal (1930 a 1935) apontando os principais acontecimentos históricos desta época. Encontra-se destacado dentre os principais acontecimentos históricos: a Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo e como Santo Amaro foi atingido pela mesma.

Outro acontecimento histórico muito importante que fica em evidência nesta época é à anexação, a incorporação do Município de Santo Amaro ao Município de São Paulo pelo decreto Nº 6.983 de 22 de fevereiro de 1935, que segundo a historiadora Maria Helena Berardi, havia necessidade e interesse político em antecipar a anexação de Santo Amaro a capital paulista.

Como já foi dito, não se tem a pretensão de, com este trabalho, criar uma obra conclusiva acerca do tema das transformações e das imigrações que ocorreram em

Santo Amaro, mas sim despertar o interesse de outros pesquisadores para explorarem a “vasta” documentação existente nos arquivos públicos e privados do bairro, no intuito de estabelecer novas temáticas e abordagens, contribuindo para o resgate da memória dessa multidão imensa, dando a ela não só o *status* de atriz principal, mas, principalmente, fazendo-a falar.

Capítulo I

2. Santo Amaro Hoje (as marcas dos imigrantes)

Neste capítulo, objetivamos introduzir alguns elementos que revelem as marcas da presença dos imigrantes responsáveis pela contribuição de Santo Amaro. Neste sentido, destacamos as formas que essa ocupação tomou ao longo do tempo, apontando símbolos específicos relativos a esses grupos sociais (festas, religiões, hábitos, educação, monumentos e demais espaços de vivência).

2.1) Localização e Delimitação de Santo Amaro na Atualidade

Na movimentada cidade de São Paulo um bairro chama a atenção por ser tão populoso quanto uma cidade, por ser tão agitado como uma metrópole, por ser tão miscigenado quanto um país.

A área que tem seus primeiros registros datados do século XVI cresceu, já foi município e, de volta à propriedade da Capital, se multifacelou. A história permanece viva com os moradores, que falam com orgulho da terra.

Santo Amaro corresponde às atuais áreas 6 e 7 do município de São Paulo (sul e sudoeste), que, segundo a estimativa do IBGE para 2004, totalizavam uma população de aproximadamente 2.100.000 de habitantes, em uma área de 660 km², que corresponde a 43% do total da superfície do município de São Paulo.

2.2) Santo Amaro no Contexto de São Paulo

De acordo com a Subprefeitura de Santo Amaro, o distrito de Santo Amaro, centro da Zona Sul de São Paulo, continua a exercer considerável influência sobre os moradores dos municípios que já pertenceram a seu território.

É curioso observar que em áreas de Parelheiros e de Marsilac ainda são encontradas aldeias de índios Guaranis, descendentes dos indígenas das épocas jesuíticas.

A região de Santo Amaro concentra também variações de descendentes europeus e asiáticos, que por sua vez deixaram traços e culturas que montaram a tradição santamarense.

Santo Amaro conta com pessoas da periferia sul, que vão procurar emprego ou estão simplesmente de passagem. As distorções sociais são percebidas principalmente no mar de barracas de ambulantes que tomam o centro histórico e em 43 favelas distribuídas pela região (SUBPREFEITURA DE SANTO AMARO, 2009).

2.3) Novos Povos para Santo Amaro

Ao longo dos 455 anos da fundação da cidade de São Paulo, muitos povos chegaram a capital e assim ajudaram a formar o atual povo paulistano. As heranças desses povos podem ser vista em diversas áreas como arquitetura, culinária, e esportes, entre outras. Atualmente, povos de mais de 70 países se unem para formar a população paulistana.

Os primeiros a chegarem foram os alemães, em 1827, e se fixaram na região de Santo Amaro e Itapeverica da Serra.

Com a chegada dos imigrantes, houve um aumento no desenvolvimento da cidade e diversificação dos serviços e produtos comercializados.

A região apresentou um espírito mais empreendedor, pois os alemães estavam prontos a aderirem ao progresso, e foram os primeiros a proverem-se de luz elétrica, primeiros motoristas de Santo Amaro, abertura de estradas, como a de Parelheiros aberta por Henrique Schunck em meados do século XIX.

A presença primitiva de alemães na região de Santo Amaro levou outros imigrantes que chegariam ao Brasil no final do século XIX e início do XX, a escolherem esse sítio como morada. Os portugueses montavam granjas de aves e gado; espanhóis (Catalunha) comercializavam roupas femininas; árabes, turcos e judeus, tecidos; russos, húngaros e ingleses eram operários, comerciários e bancários; estadunidenses e alemães para os altos cargos de chefia nas indústrias; Japoneses (principalmente depois de 1945) eram agricultores de hortifrutigranjeiros (cinturão verde) onde seus filhos se tornariam profissionais liberais (médicos, dentistas, farmacêuticos, etc.); além dos italianos que marcaram profundamente a cultura paulistana.

Aldeias indígenas e que ainda são denominações de referência local como a tribo Krukutu e Tenondé Porá, localizadas na Estrada de Barragem e Morro da Saudade, incrustados como patrimônios da Freguesia de Santo Amaro e a Colônia Paulista, núcleo Colonial Imperial.

Hoje o local em que os imigrantes se assentaram formou-se um bairro com o nome de Colônia, onde acontecem anualmente festas em comemoração ao aniversário da imigração. em comemoração aos 180 anos da imigração alemã, a Colônia Fest, no Largo da Igreja Santo Expedito, na Colônia (2009). O evento conta com comidas e danças típicas, apresentações folclóricas e exposições. A figura abaixo mostra a mistura dos povos na região: o caipira santamarense, o alemão e o japonês.

Atualmente povos de várias raças e costumes se misturam formando uma única nação de cultura pluralizada.



Fig. 1 - Slogan do Colônia Fest. Disponível em www.google.com, acessado em 04/11/09.

2.4) Etnias

Segundo o censo de 2000 do IBGE, a população de São Paulo está composta por: brancos (68,0%), pardos (25,0%), pretos (5,1%), amarelos (2,0%) e indígenas (0,2%). São Paulo é a cidade mais multicultural do Brasil e uma das mais diversas do mundo. Desde 1870, aproximadamente 2,3 milhões de imigrantes chegaram ao estado, vindos de todas as partes do mundo. Atualmente, é a cidade com as maiores populações de origens étnicas italiana, japonesa, espanhola e libanesa fora de seus países respectivos, e com o maior contingente de nordestinos fora do Nordeste.

a) Alemães:

A colônia alemã em Santo Amaro é uma das poucas colônias existentes no Brasil, hoje abriga seus descendentes, tentando resgatar sua cultura, o nome de ruas e praças deixam visíveis a importância que esses estrangeiros deixaram para este bairro.

b) Asiáticos:

A cidade de São Paulo possui o maior número de pessoas que se declaram de origem asiática (amarelos) do Brasil. Cerca de 460 mil pessoas são de origem oriental, dos quais 326 mil são japoneses. A comunidade japonesa da cidade é a maior fora do Japão. Imigrantes vindos do Japão começaram a chegar em 1908, e imigraram em grande número até a década de 1950. A maior concentração de orientais da cidade está no Bairro da Liberdade, deixando suas raízes também em Santo Amaro.

c) Negros:

O bairro de Santo Amaro já contava com população afro descendente no século XIX, mas foi a partir da segunda metade do século XX que a população negra cresceu rapidamente, através da chegada de pessoas de outros estados brasileiros, principalmente da zona litorânea da Bahia.

2.5) Os indígenas de Santo Amaro

O problema dos mananciais não constrange somente a nós, mas também aos nativos dessa terra.

Segundo o projeto ambientalista rumo à intolerância - USP, a ocupação portuguesa da região, que ocorreu a partir de 1530, ela era habitada pelos índios Guaianazes divididos em diversas aldeias desde o ABC até Santo Amaro. Porém a convivência com os homens brancos trouxe grande mudança para a cultura indígena e até mesmo o extermínio de vários grupos. Uma das aldeias sobreviventes mais próximas deste lugar é a aldeia Morro da Saudade, em Parelheiros-Santo Amaro/São Paulo.

As aldeias sobreviventes na região de Parelheiros ainda contam com o problema da desapropriação de terras onde tais foram encurraladas a pequenos territórios.

Como se já não bastasse estarem confinados em pequenas terras na periferia do município, o guarani de São Paulo sofre a pressão de projetos de urbanização alheios à legislação ambiental e ao impacto sócio-ambiental que causam aos índios.

Além das estradas e loteamentos implantados irregularmente, uma sequência de projetos de urbanização afetando as terras indígenas e alheias à legislação e as características ambientais da região, se aceleraram a partir da década de 90. Entenda-se que avaliar impactos sociais e ambientais nas tribos Guaranis que se encontram nas regiões mais urbanizadas e ocupadas do país significa não só dimensioná-los, na superfície da tribo demarcada, mas inclusive nas áreas de matas preservadas e utilizadas pelas comunidades indígenas para suas atividades tradicionais, que se encontram próximas, mas fora desses limites. As demandas à FUNAI, feitas pelos Guaranis, para regularização dessas áreas que ocupam tradicionalmente remontam há mais de uma década (LADEIRA, 1992. p. 40).

Assim, antes mesmo da realização das medidas de proteção reivindicadas pelas comunidades, um empreendimento de grande vulto surpreendeu os índios Guaranis e comprometeu suas áreas de ocupação tradicional. A construção do Rodoanel Mário Covas foi objeto de análise do laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos FAU/ USP que apontou inúmeros impactos ambientais e, também, de manifestação escrita por parte de ONGs ambientalistas e indigenistas, que alencaram uma série de prejuízos ambientais e sociais e de medidas e estudos prévios que não foram realizados. Somente em 2006 a Dersa foi obrigada a realizar os estudos etnoecológicos na Terra Indígena exigidos pelo IBAMA. Antes mesmo de terminar os levantamentos, a empresa, à revelia da comunidade Guarani do Jaraguá, estipulou os recursos a serem estipulados pela comunidade. Os recursos etnoecológicos do trecho sul para obtenção de licença de instalação foram realizados no final de 2005, envolvendo as aldeias Tenonde Porã (Barragem) e Krukutu, que se posicionaram contrárias ao empreendimento. As comunidades Guarani continuam reivindicando a proteção e a regularização das terras que ocupam (LADEIRA, 1992. p. 42).

2.6) Religião

Um aspecto importante para a reconstituição da dimensão quotidiana dos imigrantes da cidade de São Paulo e Planalto Paulistano no século XIX, é a questão

dos diferentes cultos religiosos, porém a documentação também é muito imprecisa no que tange esta temática. No caso dos inventários fica possível identificar o credo familiar, principalmente quando aparecem enrolados na avaliação dos bens oratórios e imagens de santos, recibos de missas ou certidões de batismo, ainda que estas últimas nem sirvam de exemplo, devido ao fato de que inúmeras famílias luteranas, sem ter condições de batizar segundo sua liturgia, acabavam entregando-as a padres católicos para executar o sacramento de acordo com as normas do catolicismo romano (SIRIANI, 2003. p. 273).

Os alemães têm destaque em nosso trabalho, pois há uma documentação mais ampla a respeito deles e são eles quem mais influenciaram na cultura, na agricultura e na economia de Santo Amaro durante nosso recorte temporal.

Porém, devido ao descaso do poder público paulista para com a cultura da Colônia Alemã, pois mais da metade era protestante e não possuíam pastor, eram obrigados a frequentarem a igreja católica de Santo Amaro, fatos que os levaram a reivindicação de um cemitério (Fig. 02) e de uma igreja. O primeiro foi construído somente em 1840, juntamente com uma capela; a igreja somente foi substituir a capela em 1910, quando já havia a igreja de Parelheiros, desde 1898 (GARANHUNS, 1995. p. 22).

A partir de então, e por mais de um século, os primeiros colonizadores alemães e seus descendentes ali foram enterrados, sendo que seus restos mortais permanecem intocados até hoje.

A prefeitura da Cidade de São Paulo, mesmo reconhecendo que o cemitério da Colônia existia antes mesmo do advento da república e que era um dos mais antigos existentes, alegou que o cemitério da Colônia era clandestino e determinou que os descendentes dos que ali estavam enterrados transladassem os restos mortais, pois, o mesmo seria demolido e que no local seria construída uma creche e uma escola.

Houve revolta por parte dos descendentes, e numa outra decisão que também a ninguém agradou, foi determinado seu fechamento e proibidos novos sepultamentos no local.

O cemitério da Colônia é o mais antigo marco histórico da colonização alemã no Brasil e que obrigatoriamente deve ser preservado, absolutamente nada foi feito no sentido de mantê-lo, como no sentido de respeitar os primeiros imigrantes alemães.

Nos dias atuais no bairro do Colônia existe pouquíssimos descendentes dos “caipiras dos olhos azuis”, pois, a quase totalidade debandou para outros lugares em busca de melhores oportunidades de vida.

Hoje com a variedade cultural verificável em São Paulo, são diversas as manifestações religiosas presentes na cidade. Embora tenha se desenvolvido sobre uma matriz social eminentemente católica, tanto devido à colonização quanto à imigração - e ainda hoje a maioria dos paulistanos declara-se católica -, é possível encontrar atualmente na cidade dezenas de denominações protestantes diferentes, assim como a prática do budismo, do islamismo, espiritismo, entre outras (ACERVO BIBLIOTECA PÚBLICA PRESTES MAIA, 1994).



Fig. 2 - Primeiro cemitério protestante do Brasil em Parelheiros. Colônia Paulista, construído em 1840. (arquivo: subprefeitura de Parelheiros, acessado em 04/11/09).

2.7) Recreação e Educação

As formas de convívio sociais encabeçadas principalmente pela elite alemã em São Paulo foram pautadas em valores morais e éticos, tais como a respeitabilidade do indivíduo perante a sociedade local, mais do que propriamente a posse de fortunas pessoais. Instituições foram criadas com a finalidade de confraternizar e auxiliar os membros da comunidade teuto paulistana. Porém estas instituições ainda eram muito restritas ao grupo como, por exemplo, a sociedade *Gesellschaft*

Germânia, fundada em 1868 e englobada, em 1942, pelo clube Germânia, atual Esporte Clube Pinheiros. Ali se reuniam, além de prósperos comerciantes e industriais da cidade, indivíduos de menores posses, e também atuantes na comunidade, como por exemplo, médicos, engenheiros, professores e artesãos, que desfrutavam de um constante convívio social (SIRIANI, 2008. p. 229).

A situação enfrentada pelos primeiros alemães, enviados para o núcleo de Santo Amaro, era quase desesperadora. Não havia escolas na colônia, e os pais desejosos da alfabetização de seus filhos, tinham que enviá-los ao centro de Santo Amaro, onde funcionava uma escola pública.

Percebendo a situação de abandono em que se encontravam as crianças locais, na tentativa de mitigar o problema, um casal de alemães iniciou um curso de primeiras letras em sua residência. Um paliativo para o descaso das autoridades locais em relação à educação, não apenas das crianças alemãs, mas também de todas as outras que habitavam o sertão santamarense e padeciam dos mesmos problemas.

A preocupação em relação ao ensino passou a ser coletiva. Nas reuniões da Sociedade Alemã Beneficente o tema era avidamente discutido. Após inúmeros debates, tomou-se a iniciativa de publicar, anonimamente, no jornal Germânia, uma espécie de apelo convite, a fim de que a comunidade teuta da capital se mobilizasse para a criação de uma escola alemã não restrita a alemães, nem a estudantes provenientes de famílias abonadas, protestantes ou católicas. Uma escola franqueada a quem desejasse aprender, que se conduzisse com espírito aberto para o tempo e características do lugar. Que sendo alemã, fosse brasileira.

A Escola Alemã de São Paulo firmou-se como uma grande referência no ensino de crianças estrangeiras no Estado, contando com o suporte de forte comissão administrativa, além de outras instituições alemãs da cidade, sedimentando uma única étnica e linguística, numa cidade que contava aproximadamente três mil alemães de origem e dialetos regionais diversos, possibilitando uma identificação pautada numa nacionalidade alemã e não mais em particularismos.

A fundação da *Deutsche Schule* de São Paulo, atual Colégio Visconde de Porto Seguro, foi uma contribuição ímpar da comunidade alemã, não apenas para a própria comunidade, uma vez que possibilitou um intenso contato social entre as crianças que, até então, encontravam-se dispersas nas escolas públicas da capital ou até mesmo sem estudo-, mas também para inúmeras crianças brasileiras que

pouco a pouco foram sendo matriculadas na instituição, possibilitando um intenso intercâmbio cultural (SIRIANI, 1998. p.p. 234-236).

Outro patrimônio educacional herdado pelos imigrantes alemães na região de Santo Amaro é o Colégio Humboldt, que se idealizou num encontro de um grupo de alemães, em 1916, na Padaria Lindau, no Largo 13 de Maio, deu início à idéia de fundar uma sociedade escolar alemã.

Eles queriam oferecer uma escola aos seus filhos na qual pudessem aprender a ler e escrever em alemão, recebendo uma educação dentro dos moldes da Alemanha. Hoje o colégio conta com o Teatro Humboldt, para 430 pessoas, e Ginásio Poliesportivo, localizado agora em Interlagos, é um dos colégios mais importantes da região (ACERVO COLÉGIO HUMBOLDT).

No esporte podemos destacar alguns lugares que preservam seus costumes:

a) São Paulo Golfe Clube

Por volta do final do século XIX, ingleses e escoceses, que trabalhavam na São Paulo Railway, e em outras empresas britânicas, promoveram as primeiras iniciativas para a formação de um grupo de pessoas interessadas em jogar golfe na cidade de São Paulo. O clube que antes era localizado no bairro do Jabaquara, está agora em terreno adquirido da "Light" situado em Santo Amaro, para além do Largo 13 de Maio foi feito um novo campo. Corria o ano de 1915. Com o passar dos anos, o clube foi crescendo, firmando-se como um dos mais tradicionais do Estado - já com o nome de São Paulo Golfe Clube - e passando a ostentar invejável status (ACERVO SÃO PAULO GOLF CLUB, 2009).

b) A Tradição Esportiva Japonesa

O considerável número de descendentes orientais na região de Santo Amaro desenvolveu alguns esportes típicos de sua terra. Entre eles podemos citar:

Sumô: Em Santo Amaro foram largamente disseminados entre seus descendentes, os campeonatos são realizados hoje ao lado do Terminal de Ônibus.

Gate Ball: Com cede localizada no Centro Educacional e Esportivo Joerg Bruder.

Tênis de mesa: Santo Amaro pode ser orgulhar também do tenista de mesa Cláudio Kano, que conseguiu sua ascensão como esportista no Clube Showa, aqui localizado.

2.8) Histórico e Mecanismos do Imigrante nas fazendas

Ainda nos anos 20, apesar do grande impulso da economia urbana, o trabalhador encontrou na capital de São Paulo acima de tudo desemprego e subemprego e, depois de ter engrossado vastos reservatórios de mão de obra, é inserido no fluxo da migração interna que alimenta a plantação. Nesses anos posteriores á Grande Guerra, a situação ocupacional paulista não é então substancialmente modificada em relação ao período da decolagem do café, a fazenda permanece a única fonte de trabalho, consistente em um Estado dominante pelas leis da economia de exportação que freiam a emergência de outros setores econômicos que contraponham o setor primário a um efetivo desenvolvimento alternativo. É precisamente por causa desta condição da economia paulista no período considerado que, em um estudo do mercado de trabalho, direcionou-se ao setor primário e a sociedade rural. Pode-se com efeito, afirmar que no amplo espaço de tempo compreendido entre a crise do trabalho escravo e a véspera da grande crise dos anos 30, as regras e os mecanismos do mercado de trabalho paulista são fortemente condicionados por aquela unidade produtiva- a fazenda- sobre a qual se fundamenta todo o sistema de relações econômicas políticas, culturais e sociais do Estado de São Paulo e o que também influi profundamente na preferência de todo o país.

Ao se constatar devidamente esta hegemonia da realidade econômica paulista vê-se como a opção da imigração é ditada pelas exigências produtivas da plantação, e como, em consequência, a política imigratória é fundamental para a própria fazenda.

A imigração para a economia paulista, não significa unicamente introduzir mão de obra estrangeira na estrutura produtiva,mas se identifica com a adoção do trabalho livre na plantação: o imigrante é, de fato, o primeiro trabalhador formalmente livre empregado nas fileiras do cafezal (VANGELISTA, 1991. p.p. 271-272).

Depois da falência do projeto da imigração africana discute- se a conveniência de se utilizar na plantação o trabalho de imigrantes chineses, japoneses, europeus meridionais, russos, poloneses e discute- se com a desenvoltura de quem está ciente de que pode obter tudo o que desejar , a mancheias no vasto exército de reserva criado pela situação econômica internacional. Nos anos da afirmação da

economia do café e da consolidação do poder da oligarquia, baseado nela, a abertura total em relação ao fluxo migratório torna possível a formação de uma demanda diferenciada e seletiva que abandona às margens do mercado uma larga faixa da oferta e que privilegia os setores dessa oferta que mais se adaptem à vida da plantação (VANGELISTA, 1991. p. 273).

Com a permanência da organização produtiva baseada na colônia se mantém inalterada a demanda de imigrantes da parte do latifúndio. A manutenção da família colonial como unidade produtiva de base na fazenda faz com que seja necessária a diferenciação da demanda, e em consequência é necessário também um incentivo à política imigratória. Ainda no final da década de 20 e no início da de 30, o fazendeiro continua a pedir colonos que são necessários a ele para prosseguir no processo de ampliação das culturas e em sua marcha para além dos confins do Estado, na esperança de que o exército de reserva européia seja enexaurível e sempre disponível para a viagem transoceânica. As características da imigração, porém, modificam-se gradualmente, tanto que agora se diferencia de modo decisivo daquela imigração de massa dos fins do século XIX. Desse modo a fazenda encontrará necessidade de reestruturar a própria organização ocupacional, a nítida dicotomia entre imigrantes e brasileiros-ainda fortemente presente até o final do período examinado- deverá lentamente diluir-se em um contraste que progressivamente perderá as características étnicas para transformar-se em contraposição de classe: a época da grande imigração é finda, os contornos culturais das diversas nacionalidades se atenuam, os imigrantes tornam-se brasileiros (VANGELISTA, 1991. p. 282).

Diante desses fatores, a grande lavoura de vegetais situada na Zona Rural de Santo Amaro foi impulsionada principalmente por imigrantes, tendo em vista que os japoneses tem participação marcante neste tipo de trabalho.

Embora numericamente, a imigração japonesa, seja menor que a imigração de outras nacionalidades, os japoneses representam hoje uma revolução nos métodos da agricultura.

Essa revolução que representou a imigração japonesa, especialmente para a região de Santo Amaro, ainda é desconhecida pelas novas gerações nipo brasileiras. O conhecimento do esforço dos antepassados é fundamental para o estreitamento das relações entre Brasil e Japão.

Em Santo Amaro essa imigração tem um valor histórico sem precedentes, cujo resgate se faz necessário porque, dada as profundas transformações na região, essa história deverá ser perdida.

A modernização dos métodos agrícolas em Santo Amaro foi prevista em 1829, com a instalação da primeira colônia de imigrantes no Estado de São Paulo. Era a Colônia Alemã. Imaginava-se que esses alemães saberiam desenvolver uma agricultura baseada na pequena propriedade e com alta produtividade pela utilização de implementos como o arado.

Esse objetivo, entretanto só foi atingido um século depois com a chegada de colonos japoneses. Esses colonos garantiram parte substancial do abastecimento da Capital, no crucial momento em que, ao lado de um fantástico crescimento demográfico. São Paulo vivia um surto de industrialização.

Os colonos japoneses de Santo Amaro, raramente lembrados têm um papel fundamental no processo de desenvolvimento da Capital paulista. Hoje face à urbanização, a presença japonesa em Santo Amaro é lembrada por algumas áreas: Jardim Mitsutani, Jardim Nakamura, Jardim Kagohara, indicando que os japoneses também participaram do mais importante fenômeno demográfico tropical, que foi o assentamento da gigantesca população paulista.

Toda essa história está sendo perdida. A velocidade das mudanças praticamente impediu que se parasse para o registro necessário do fenômeno.

Entre 1870 e 1997, a região de Santo Amaro cresceu 410 vezes. Cresceu, cerca de duas vezes e meia por ano no período compreendido. O grande salto, entretanto, começa com os japoneses, cuja a história, a terceira geração dos pioneiros já a desconhece (ALVES, 1998. p. 48).

2.9) Principais Características Hoje

Com essas e outras tantas mudanças, Santo Amaro é hoje um centro comercial, industrial de serviços referencial de grande parte da Zona Sul da Cidade de São Paulo, em especial das regiões da Capela do Socorro, Guarapiranga e Pedreira.

O Centro de Santo Amaro foi no passado muito mais expressivo. A concorrência de centros menores, alguns mais modernos e dinâmicos, localizados nos bairros,

bem como a violência, o trânsito e outros fatores contribuíram para a situação de relativa decadência que se encontra a região.

O Centro histórico de Santo Amaro, ainda é marcado por um comércio popular. Igrejas, escolas e faculdades, hospitais públicos e privados, agências de emprego e toda uma gama de serviços e indústrias herdadas por imigrantes ou não, completam o lado formal da realidade socioeconômica do Centro de Santo Amaro.

Corredor de passagem, possui enorme adensamento de veículos e como consequência a poluição, congestionamento e outros transtornos urbanos.

Hoje, no entanto, o principal aspecto da paisagem urbana do Centro de Santo Amaro é o comércio ambulante. Responsável pelo emprego direto e indireto de algumas milhares de pessoas, esse comércio é diferenciado, polêmico e representa a principal questão social da região.

Com todo esse pólo industrial, o temor da associação de moradores é que as condições de trânsito piorem e prédios históricos possam ser derrubados para dar lugar a empreendimentos imobiliários, como estacionamentos. Por isso é que as reivindicações da entidade são para a melhoria no tráfego e no quesito de segurança, o aumento do contingente da polícia Militar. Os representantes da associação também lutam para obter uma área de lazer, melhorias no calçamento e esfaltamento e ampliação dos postos de saúde

A atuação de entidades, por sinal, é uma marca nos bairros da subprefeitura. É uma forma de analisar Santo Amaro como integrada ao território mais amplo da Zona Sul, onde os danos e os benefícios atingem tanto ao morador da periferia como da área nobre (ACERVO SUBPREFEITURA DE SANTO AMARO).

Expostos os elementos que evidenciam a presença dos imigrantes, através das formas, cabe agora analisar o processo histórico que fundamenta essas evidências apresentadas nesse capítulo. Nesse sentido, estudar as imigrações e a urbanização para Santo Amaro aparece em perspectiva.

Capítulo II

3. A influência dos imigrantes para a formação do bairro/ cidade

Este capítulo tem como objetivo fazer uma retrospectiva para destacar as principais imigrações para o Brasil, São Paulo e por fim para Santo Amaro. Assim, pretendemos destacar as causas que contribuíram para essa emigração e sua influência na cultura, religião, agricultura e economia na região de Santo Amaro, que favoreceram para sua urbanização.

3.1) Migração no Brasil

Podemos considerar a possibilidade de que a economia brasileira desse momento se movia com escassez de mão-de-obra devido à abolição da escravatura, dado que o tamanho da população em economia de mercado em expansão. De fato, o ciclo da borracha atraiu, entre 1870 e 1920, um fluxo migratório para a Amazônia, em partes acionado pelas severas secas que assolaram o sertão nordestino dos anos setenta do século passado. Do mesmo modo, houve nas últimas décadas do século uns movimentos migratórios do Nordeste para o Sul da Bahia, onde se desenvolvia a cultura do cacau. Considerando-se ainda nesse mesmo período, embora a economia do açúcar houvesse estagnado, o cultivo do algodão e a indústria de fiação e tecelagem estavam em expansão no Nordeste, é de se aceitar a inexistência de um excedente populacional que alimentasse fluxos migratórios capazes de satisfazer as necessidades de mão-de-obra na cafeicultura.

Por outro lado, apesar da existência de fluxos espontâneos de não-escravos para São Paulo, dada a situação de disponibilidade de terras, esses fluxos dirigiam-se para áreas não utilizadas pelo café. Representavam a expansão no espaço de uma camada camponesa, ao invés de constituírem força de trabalho livre (“livre” de terras); e assim, nesse período de transição para o trabalho assalariado, não formavam um contingente de mão-de-obra utilizável para a expansão do capital agrário. Daí o recurso à imigração (PATARRA, 1984. p. 252).

Em decorrência da falta de meios próprios e, em especial de braços para colonizar a imensa área de terras que formam o nosso País, optou o então governo Imperial em arremeter estrangeiros para que, não só desbravassem os nossos sertões, mas que dessem um grande impulso à incipiente agricultura, bem como a indústria e ao comércio (GAZETA DE SANTO AMARO, BORGES, 1994. ACERVO BIBLIOTECA PÚBLICA PRESTES MAIA).

3.2) Imigrações para o Brasil

Em função de sua expressão numérica, bem como das proporções de nacionalidades contidas nos contingentes envolvidos, foram caracterizados quatro períodos distintos de fluxo de imigração estrangeira no Brasil, a saber:

1. De 1820 a 1876, com entrada de 350 117 imigrantes com predominância do grupo português, seguido do alemão, dirigindo-se aos núcleos de colonização, por iniciativa governamental ou particular, e alguma fixação urbana, como no caso da capital federal;
2. De 1877 a 1903, com intensa participação do grupo italiano, entrando no Brasil o total de 1 927 992 pessoas, tendo como ponto máximo a década dos noventa;
3. De 1904 a 1930, com a entrada de 2 142 781 imigrantes, havendo uma diminuição no número de entrada durante a I Guerra mundial e mudando substancialmente as nacionalidades envolvidas, com imigrantes da Polônia, Rússia, Romênia e outros, depois do término do conflito. Os subsídios da imigração terminam nesse período (1927), bem como surgem as primeiras medidas restritivas à entrada de estrangeiros, que culminaram com estabelecimentos de quotas, nas Constituições de 1934 e 1937;
4. De 1931 a 1963 entraram no Brasil 1 106 404 imigrantes, com considerável contingente japonês durante os anos 32 a 35, redução considerável de entradas durante os anos de guerra e aumento da participação de italianos e espanhóis nos anos posteriores ao conflito, incluindo a imigração dirigida, principalmente para o setor industrial, a partir de 1953. (PATARRA, 1984. p. 253)

A Revolução de 30 e seus efeitos sócio-políticos são fundamentais como viabilizadores do processo, que concentrou espacialmente o desenvolvimento econômico, conferindo novo sentido à regionalização subsequente, ao mesmo

tempo que generalizou, por todo o Brasil, o processo de urbanização, como veremos a seguir. De fato, a região Centro-Sul passou a constituir a ponta de lança da indústria e da agricultura mais desenvolvidas, passando, à medida que o mercado nacional se unificava, a debilitar essas atividades nas outras regiões do país – Nordeste, extremo sul e Norte. Esse processo é acompanhado de um ciclo de migrações internas que, durante mais de três décadas, fornece mão-de-obra para as áreas de concentração do desenvolvimento econômico, o que só foi possível porque o crescimento vegetativo da população se acelerou consideravelmente. A dinâmica da populacional brasileira caracteriza-se, após 30, por um forte crescimento vegetativo e ampla migração interna, a qual teve o papel de viabilizar um modelo de desenvolvimento especialmente concentrado, com um mercado urbano relativamente reduzido, apoiado em amplos recursos naturais e na extrema pobreza da população rural (PATARRA,1984. p.p. 254-255).

A industrialização vai redefinir o antigo urbano, na medida em que, somando-se ao papel de sede da burocracia e do capital, a cidade também vai constituir o lócus da atividade produtiva. No período anterior à industrialização, o caráter monocultor da produção agrícola, aliado ao fato de por longo tempo ser essa movida por trabalho escravo, impede o desenvolvimento de atividades simultâneas e uma divisão de trabalho mais desenvolvida no interior das unidades produtivas. Quando a indústria começa a se desenvolver, ela deve suprir todas as dimensões da atividade produtiva, sem contar com uma divisão de trabalho preexistente, oriunda das atividades agrícolas; daí o caráter fundamentalmente urbano da industrialização brasileira (PATARRA,1984. p. 260 e 261).

Alguns países como a Alemanha tiveram o apoio do governo para emigração, pois o governo sairia ganhando com isso uma vez que não havia emprego para todos com a desintegração do sistema feudal. O governo também queria ganhar mercado para o produto alemão. As pessoas emigravam na maioria das vezes com a esperança de obter uma qualidade de vida melhor do que a existente no país de origem.

3.3) Incentivo do Governo Alemão para a emigração

Foi promovida uma grande propaganda na Alemanha, oferecendo aos interessados em aqui vir, além de um substancial subsídio em moeda corrente, áreas de terras de primeiríssima qualidade para cultivo, escolas, párcos e inúmeras outras vantagens (GAZETA DE SANTO AMARO. BORGES, 1994. ACERVO BIBLIOTECA PÚBLICA PRESTES MAIA).

O governo alemão também encorajava grupos de empreendedores a conhecer novas terras para conseguir mercado para os produtos alemães. Para algumas colônias, chegou-se a fazer o planejamento, e a contratação de administradores e profissionais liberais para a formação das colônias, que vinham para o Brasil e formavam sua vida aqui. Embora desejadas, as relações comerciais entre as colônias alemãs e sua terra de origem foram modestas, muitas vezes restando somente aos colonos à identificação cultural com a terra de origem, pois não mais tinham contato com ela.

Todos estes povos vieram e se fixaram no território brasileiro com os mais variados ramos de negócio, como por exemplo, o ramo cafeeiro, as atividades artesanais, a policultura, a atividade madeireira, a produção de borracha, a vinicultura, etc.

Os alemães não chegaram ao Brasil em grandes contingentes, como ocorreu com os portugueses e italianos. Porém, a imigração ocorreu durante longo tempo, desde 1824, com a chegada dos primeiros colonos, até aproximadamente a década de 1960, quando chegaram às últimas levas significativas. Alcançou seu número máximo na década de 1920, após a I Guerra Mundial. Houve de certa forma, dois ciclos de imigração alemã no Brasil: o primeiro decorrente da política de colonização, sobretudo nos estados do sul do Brasil, incentivado pelo governo brasileiro, e outro ciclo posterior, sem incentivo oficial do governo brasileiro. Porém nosso foco é no primeiro ciclo, onde o governo brasileiro procurou atrair gente pagando a viagem, prometendo terras, sementes, gado, suprir o necessário no início, material de construção, ferramentas, prometeu também o gozo de todos os direitos civis, isenção de impostos por cinco anos e liberdade de crença. Os alemães só foram desconfiar de tantas promessas quando era tarde demais. E, no que diz respeito à liberdade religiosa, o governo deveria ter previsto que viriam muitos

protestantes entre os colonos. Acontece que, pela Constituição do Império, de 1824, o catolicismo era a religião oficial. Ou seja, a liberdade de confissão prometida aos colonos era inconstitucional. Por isso, os cultos de outras religiões só podiam se realizar em recinto privado, em casas que, por fora, não tivessem caráter de igreja. Durante muitas décadas, os alemães chegaram a ser o maior grupo de imigrante a entrar no Brasil, superando inclusive os portugueses. Esse período aconteceu em grande parte do século XIX (BERARDI, 2005. p. 87).

Nesse próximo tópico, o grupo tinha como objetivo comparar os dados quantitativos (estatísticos), com as pesquisas qualitativas através de entrevistas feitas com os descendentes dos imigrantes de Santo Amaro. Segundo o Diretor do Museu Sr. Alexandre Moreira Neto, essas reuniões aconteciam nas terças-feiras. Não foi possível obtermos esses dados qualitativos, pois ao nos dirigirmos ao Museu de Santo Amaro (o CETRASA), nos dias em que aconteceriam as reuniões com esses descendentes eles não compareceram... Fizemos várias tentativas em semanas posteriores, porém não tivemos retorno.

3.4) Imigração para São Paulo

A história da hospedaria de imigrantes do Brás em São Paulo, revela uma perspectiva peculiar sobre os processos migratórios. Lugar de passagem, ele foi palco e testemunha da grande e da pequena história. Neste espaço se entrecruzaram sonhos, angústias e expectativas de cerca de 3,5 milhões de pessoas que, entre os anos 1887 e 1978 ocuparam suas instalações. Em seus pátios, corredores, dormitórios e refeitórios estão inscritas a memória da Imigração e Migração para São Paulo. Nele, cheiros, cores, sabores, credos e costumes mesclaram-se, transformando a terra que encontraram. Presentes em todos os lugares, Imigrantes do passado deixaram suas marcas nas ruas, nas casas, nos bairros, nas festas e nos sorrisos dos que aqui chegaram, dos seus descendentes e dos continuavam chegando (MUSEU DO IMIGRANTE, 2009. Nosso Século. op. Cit. V. 2 p. 275).

3.5) O caso dos alemães

A primeira leva com 226 alemães, cansados dos percalços da viagem, vindos na galera “Maria” aportou em Santos no dia 13 de dezembro de 1827, sendo que depois de um verdadeiro “jogo de empurra”, parte deles foi encaminhado para uma área de terras distante cerca de seis léguas da capital, cabendo a Santo Amaro, então elevado à categoria de freguesia, a primazia de ser o primeiro lugar no País onde efetivamente se instalou a primeira colônia de imigrantes. Somente dois anos após terem desembarcado é que foram sorteadas algumas terras que, curiosamente, foram adquiridas com o próprio dinheiro dos alemães, pois, o contrato firmado na Alemanha foi deliberadamente descumprido pelos então governantes.

Para sobreviver em um país onde tudo lhes era estranho, construíram um pequeno núcleo residencial, logo chamado de Colônia Alemã, o qual em pouco tempo passou a ser o maior centro produtor em batatas e hortaliças da Capital (GAZETA DE SANTO AMARO, BORGES, 1994. ACERVO BIBLIOTECA PÚBLICA PRESTES MAIA).

Santo Amaro sempre foi preferido por gente de outras terras: desde os primeiros alemães, aqui instalados em 1827, foram muitos os estrangeiros que vieram aqui morar, atraídos pelas terras quase plenas, pelo clima muito bom, terrenos amplos, com muita vegetação. Os alemães produziram também: milho, arroz, feijão, mandioca, abóbora, hortaliças para sustento seu e de seu gado. Todos se destinavam as atividades agrícolas, mas uma habilidade mecânica qualquer era rara no Brasil da época e por isso mesmo bem paga. Assim apareceram alguns ofícios: mecânicos, alfaiate, sapateiro, tanoeiros, padeiros, marceneiros, serralheiros, encanadores, cervejeiros, seleiros, chapeleiros e torneiros entre os alemães de Santo Amaro (Museu do Imigrante, 2009. Nosso Século. op. Cit. V. 2 p. 279)

A Alemanha passava por uma desintegração de sua estrutura feudal, provocando uma revolução agrícola à qual se somou uma revolução democrática. Muitos camponeses que eram apenas servos ficaram sem o trabalho e sem o direito de morar nas terras, ao mesmo tempo em que a população aumentava. Sem a terra para viver, para muitos desses camponeses e artesãos, a única alternativa à proletarianização foi sair do país. A emigração também não acontecia somente por

insatisfação social com as novas perspectivas do século XIX. Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), da qual a Alemanha saiu derrotada, os alemães que para cá vieram não eram mais, em sua maioria, agricultores, artesãos, camponeses e trabalhadores livres: entre eles estavam burgueses arruinados, trabalhadores sem emprego e militantes políticos, tanto de direita como comunistas, desgostosos com o governo republicano que havia sido estabelecido em 1918, em meio a um clima de convulsão social com muitas agitações operárias. Havia também oficiais do exército do Império Alemão que antecedeu a República, funcionários aposentados, operários qualificados, médicos, engenheiros, advogados, comerciantes, professores e pessoas que eram "contratadas" através de incentivos para administrarem as colônias, trabalhos de níveis intelectuais ou participações em combates e elementos das antigas colônias na África.

Os alemães vindos do século XIX foram se integrando à comunidade. 129 colonos aceitaram essas terras na freguesia de Santo Amaro, e aqui ficaram as famílias: Krist, Selling, Klein, Gilcher, Helfenstein, Schunk, Conradt, Theisen; Kaspers, Schmidt; Roskembach, Bauermann, Schneider, Lange, Krammer, Muller, Hessel, Heinickel Glasser, Gottfried, Kuntz. Reimberg... Dois alemães vieram depois: Alexandre Eder e Max Satzke. Alexandre era natural de Hoemburg, Alemanha e veio ao Brasil em 1914. Durante a Primeira guerra trabalhou em vários estados do Brasil como técnico na fabricação de frios e conservas. Em 1º de junho de 1923 fundou, com Max Satzke um frigorífico em Santo Amaro, na esquina da Av. Adolfo Pinheiro e Isabel Schmidt, que foi talvez a indústria mais importante de Santo Amaro durante alguns anos. Chamava-se Frigor Eder. Até a metade do século XX, os descendentes dos primeiros alemães da colônia eram os maiores proprietários rurais de Santo Amaro. Todas essas propriedades ficavam a uma distância variável entre doze e trinta quilômetros de Santo Amaro. Nos anos 50 foram vendidas e loteadas, dando lugar a muitos bairros populares (BERARDI, 2005. p. p. 88 e 91).

São Paulo na época era uma cidade de 800 mil habitantes, e a colônia alemã muito grande por aqui. Muitos nem chegaram a aprender português porque viviam e trabalhavam entre seus compatriotas, assim como aconteceu com os austríacos e suíços.

Para ir à cidade as senhoras usavam luvas e chapéu, os homens também nunca saíam sem levar seu chapéu.

Na chácara Santo Antônio fundou-se, em dezoito de fevereiro de 1931, o Seminário do Espírito Santo, dirigido pela congregação do Verbo Divino, com sede na Alemanha, aqui instalado em belíssimo prédio próprio. O diretor era o padre José Symalla (BERARDI, 2005. p. 88).

Em dezoito de julho do mesmo ano, as irmãs da Congregação Servas do Espírito Santo, com sede na Holanda, fundaram um convento no Alto da Boa Vista, onde haveria um noviciado para formar futuras irmãs de caridade. As freiras ajudaram na Santa Casa durante muitos anos.

No final do século XIX e início do século XX, novos grupos de alemães, e também de escandinavos, dirigiram-se à região de Santo Amaro, estabelecendo-se preferentemente no bairro do Alto da Boa Vista, ao qual deram uma característica própria que persiste até os dias de hoje. “A inexistência de uma política colonizadora bem orientada fez com que o lugar que deveria transformar-se em cidade, definhasse em tapera, com três ou quatro ranchos pobres, ao redor de um cemitério. Os descendentes do velho núcleo se misturavam aos naturais da terra. A Colônia está atualmente a 35 quilômetros de Santo Amaro. Existem somente duas filas de casas de taipa ou de madeira e uma igreja antiga, de estilo muito simples. A estrada de acesso é ainda uma reprodução rodoviária da montanha russa, seguindo a trilha dos que viveram uma singular história de colonização (METRÔ SANTO AMARO, 2009. Acervo CETRASA).

3.6) O caso dos italianos

O Censo de 1886 já registrava 23 italianos residindo em Santo Amaro. A colônia italiana foi numerosa e atuante em Santo Amaro. Muitos sobrenomes italianos entre os antigos moradores mostram a origem peninsular. Aqui fundaram a *Società Italiana Príncipe di Napoli*, em 20 de outubro de 1895, para auxiliarem mutuamente nas horas imprevistas. Mais tarde, em 1898, passou a chamar-se *Società Italiana de Mutuo Soccorso XX di Settembre* para proporcionar a seus associados assistência médica, monetária e funerária. Cuida da estreita união entre os italianos e seus descendentes residentes em Santo Amaro ou aqui radicados. A sede ficava na rua Antônio Bento , 113: um grande salão para bailes, conferências ou teatro; e na parte

baixa, um bar, caprichosamente montado. O quadro social tinha, em 1935, cinquenta membros. Muitos nomes se destacaram na comunidade: Andréa Paulinetti; Victor Manzini, a família Tanchella; João de Luca; os de Lucia; os Robba... Muitos exerceram cargos igualmente rendosos e progressistas: José Fanucci tinha oficina de funilaria. Biaggio Rivelino formou um clube com piscina e campo de futebol. Carlo Guiberti era gerente do Grande Recreio Represa. Ermante Pongiluppi, Carmine Prestia e Pavanelli tinham olarias. Victor Manzini fundou um jornal, de longa vida no bairro (BERARDI, 2005. p.p. 95-189).

3.7) Os portugueses

Sempre foram numerosos em Santo Amaro. Instalaram-se na Vila Cruzeiro, perto da Av. João Dias. Abriram lojas, padarias, granjas, como sempre gostaram de fazer. Abílio Abrantes veio ao Brasil em 1910, e radicou-se em Santo Amaro, dedicando-se ao comércio, com seu irmão José.

Com a Independência do Brasil, a imigração portuguesa declinou por certo tempo. O governo brasileiro se viu obrigado a procurar novas fontes de imigrantes: vieram alguns suíços, porém foram os alemães aqueles que ficaram incumbidos de colonizar o Sul do País (BERARDI, 2005. p. 190).

3.8) Os turcos da rua direita

Era assim que o pessoal de Santo Amaro chamava os comerciantes estabelecidos na rua capitão Thiago Luz. A freguesia já conhecia os preços mais baratos, as primeiras vendas e prestação... Vindos do Líbano, Síria e também Palestinos, Jordanianos e Judeus, esses “turcos” simpáticos e falantes vendiam colchões, como Salomão Karlic, ou roupas feitas e armarinhos, como dona Salvatina; ou tecido como os Dabbur. Aqui se instalaram também as famílias Maluf e Elias.

A Turquia é um país completamente diferente do Líbano ou da Síria na língua, nos costumes e na cultura. Líbano e Síria também são dois países diferentes,

embora falem a mesma língua, o árabe, e algumas tradições culturais e religiosas que têm as mesmas raízes.

Poucos turcos entraram no Brasil como imigrantes, a maioria era libaneses ou sírios e também palestinos e jordanianos como passaporte onde constava: Súdito do império Turco (otomano). Por isso eram chamados de turcos. Mas para eles é ofensivo, é xingamento: turco é Hara (comedor de gente). O Líbano sempre foi um país diferente dentro do mundo árabe: recebeu forte influência do Ocidente, principalmente da França. A abertura do canal de Suez acabou com o movimento das caravanas, quase todas exploradas por cristãos sírios ou libaneses. A decadência foi da Indústria da seda, substituída pelo rayon, e do vinho, por causa de uma praga nas parreiras, trouxeram desemprego e fome. Eles pretendiam pelo menos por algum tempo, abandonar seu país.

Em Santo Amaro construiu-se uma mesquita na Avenida Yervant Kissajikiam (antiga estrada dos Zavuvus) o que pode indicar que muitos deles instalaram-se por aqui (BERARDI, 2005. p. p. 190-191).

3.9) Os japoneses

Foi a expansão cafeeira e a falta de mão de obra especializada nas grandes fazendas que determinaram a vinda da primeira leva de imigrantes japoneses ao Brasil em 1908. Outra leva, bem maior que a primeira foi depois de 1925, desta vez com ajuda financeira do próprio governo japonês interessado em aplicar dinheiro no setor agropecuário. A maioria eram trabalhadores do campo. Levavam quase dois meses em viagem, do Japão a Santos. A adaptação dos imigrantes às condições de aqui não foi nada fácil: havia diferenças de língua, escrita, religião, costumes... Muitas pessoas não falavam português mesmo depois de vinte anos de Brasil.

As primeiras habitações eram de madeira cobertas de palha. Quando melhoraram de situação econômica, se adaptaram às casas de tijolos cobertas com telhas, divididas internamente em dois cômodos, um de assoalho de taboas, outro de chão batido.

Os primeiros imigrantes japoneses chegaram em Santo Amaro em 1924. Em regime de pequenas propriedades, passaram a produzir 80% dos vegetais que apareciam nas feiras livres. Acabaram abolindo a figura do chacareiro português que

vendia de casa em casa, levando suas verduras num carrinho de mão. Muitas vezes eles iam a pé até o centro de São Paulo para economizar a passagem do bonde (BERARDI, 2005. p. p. 193 -194).

3.10) Transformações em Santo Amaro para atender o crescimento urbano

Na segunda metade do século XIX, a vila de Santo Amaro tornou-se o celeiro de São Paulo. Os habitantes da capital compravam todos os gêneros de primeira necessidade dos agricultores de Santo Amaro: mandioca, milho, feijão, arroz e batatas inglesas. Numerosas propriedades rurais dedicavam-se à criação de gado e aves domésticas. Tropas de burro e carros de boi lavavam para a capital madeira lavrada, feixe de mucuta, carvão e pedra de cantari, e lá vendê-las no mercado central de São Paulo. “Foram estes os motivos que levaram alguns engenheiros, tendo a frente Alberto Kulhmann, a projetarem uma extensa ferrovia destinada a servir ao sul da província. O trem passaria por Santo Amaro e a linha teria ao todo 200 quilômetros de extensão. O lucro esperado viria do transporte de madeiras e gêneros alimentícios. Mas muitas dificuldades impediram a realização do projeto, por isso o engenheiro modificou-o resolvendo transformá-lo na construção de uma linha de tram-ways a vapor, que partindo de Vila Mariana, chegaria até Santo Amaro.

A cidade já era habitada por mais de 10 mil pessoas e uma década depois começou a ser iluminada por 22 lampiões abastecidos com querosene. Pouco tempo mais tarde, a tração animal foi substituída por carros a vapor que chegou a Santo Amaro a primeira composição a transitar pela estrada de ferro, que se entendia desde São Paulo por 20 quilômetros.

Com a visita do Imperador - As ruas de Santo Amaro ganharam iluminação, inauguraram-se vinte e dois lampiões a querosene. “Era Manuel Branco de Araújo quem fornecia o combustível, fazia a limpeza e acendia todas às sete horas da noite, para apagá-los às seis da manhã” (BERARDI, 2005. p. 140).

Com muita festa, os santamarenses receberam a visita do imperador do Brasil em 1866.

Em 1887 tomaram posse os vereadores que seriam os últimos do período monárquico. Em 23 de maio de 1888, quando se soube que fora promulgada a lei

que abolia a escravidão no Brasil, a Câmara se reuniu e lançou em ata um voto de louvor à Princesa Isabel. E em nove de julho desse ano modificaram a nomenclatura de várias ruas em Santo Amaro (BERARDI, 2005. p. 122- 29).

A localidade prosperava rapidamente. Mas sentiu-se que faltava um local para reuniões, bailes ou espetáculos, foi daí que João de Oliveira Fagundes e Antônio Forster requereram e obtiveram da intendência municipal e cessão gratuita de um terreno de 21 m. por 60, em 1891. Ali foi construído o Theatro Pindorama. Esse teatro ficava no Largo Municipal.

No final do século, construiu-se a primeira igreja da matriz no lugar da capela inicial aquele tempo também foi fundado o teatro Pindorama e fez-se a Praça Floriano Peixoto. Santo Amaro entrou no século XX com seu pacato, tranqüilo e feliz cotidiano formado. A terra era uma terra de verdes campos, água cristalina, brisa pura vinda do mar longínquo a agricultura continuava imperando. Foi aberto o grupo escolar Paulo Eiró uma bela construção colonial destruída na década de 1970 - surgiram seminários e conventos, Visconde de Taunay criou brasão do município com os dizeres.

No início de 1913 a Prefeitura instalou 24 lâmpadas a gás acetileno, colocados nos antigos postes a querosene, mas desta vez as negociações deram certo e já em 7 de julho foram inaugurados os bondes elétricos (fig. 3). As instalações dos serviços de força e luz também já estavam prontas. Houve uma grande festa no Largo 13 com a banda União Operária, sob direção de Sinésio Tringueiro. Quando chegou o bonde amarelo, a banda Pindorama e às seis horas cantou-se o Te Deum na igreja.

Esses Trens (fig. 3) tinham a aparência de um vagão de trem, com um motor na cabine dianteira, separada do espaço para os passageiros por uma porta de vidro. Havia duas fileiras de bancos de madeira, com dois lugares: podia-se empurrar o encosto e ficar de frente para as outras duas pessoas e conversar à vontade. O condutor (cobrador) ia de banco em banco cobrando as passagens. Havia vários preços, conforme a distância percorrida. Por isso se não era uma pessoa conhecida ele perguntava: - Aonde vai? A linha não seguia o traçado da antiga estrada de ferro: saía da Praça João Mendes (depois o ponto inicial foi transferido para a Praça da Sé): passava pelas ruas da Liberdade, Vergueiro, Domingos de Moraes, e descia pela Avenida Rodrigues Alves para finalmente atingir Santo Amaro depois de uma reta de oito quilômetros. O ponto final era no Largo 13 de Maio. Mais tarde os trilhos

desceram a Alameda Santo Amaro até o Largo São Sebastião. E depois, um sim outro não, chegavam até o Socorro (BERARDI, 2005. p. p. 155 e 156).

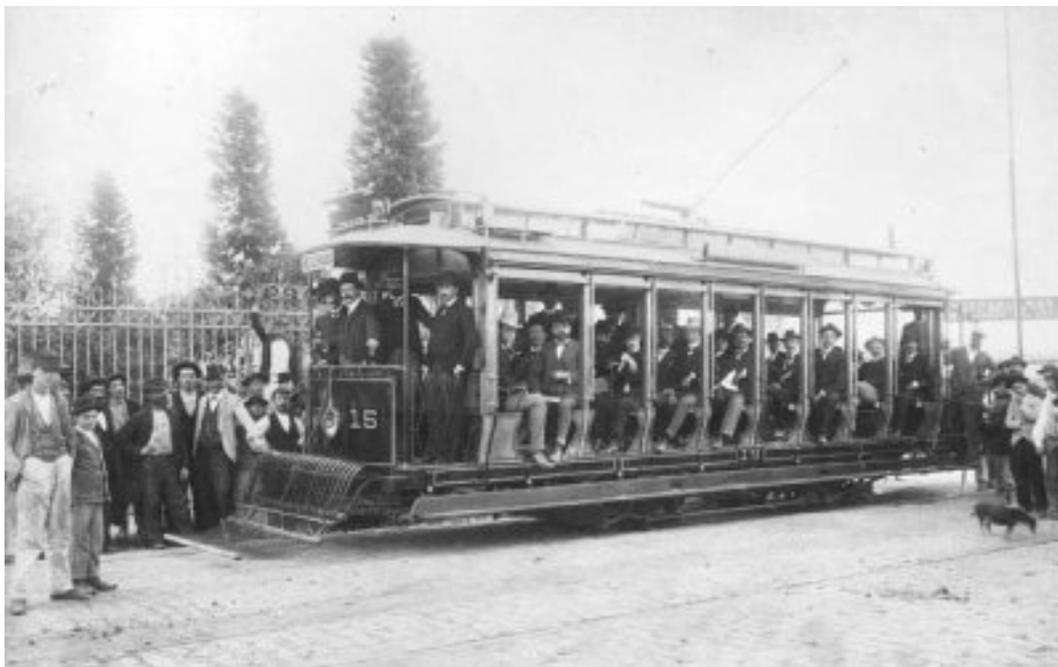


Fig. 3 - Foto do Bonde elétrico em Santo Amaro, 1913. Disponível em www.bp.blogspot.com, acessado em 27/10/2009

No dia 10 de outubro de 1909, veio a Santo Amaro, em visita pastoral, o bispo D. Duarte Leopoldino, sendo recebido com grandes festas. O padre José Maria Fernandes, ao assumir a paróquia em 1917, empreendeu a construção da nave central, unindo as duas partes, já prontas anteriormente. Sua pintura interna mostrando o Espírito Santo e a Eucaristia, figuras de anjos e cachos de uva, agradou o povo. Mas as decisões do Concílio Vaticano II favoreceram a tirar as pinturas e o povo ficou muito triste.

Em 8 de setembro de 1910 foi inaugurado o Grupo Escolar, em grande edifício próprio ao lado da prefeitura, por iniciativa do capitão Tiago Luz, do Dr. Joaquim Domingues Lopes e Antônio Forster. Tinha duas alas: de um lado duas salas. Os meninos tinham aula de manhã, das oito às doze. As meninas estudavam à tarde. Mais tarde a escola recebeu o nome de Paulo Eiró. Em 16 de abril de 1916, a Sociedade Escola Alemã de Santo Amaro, tinha por objetivo a criação de um estabelecimento escolar destinado a cooperar com o Governo do Estado na alfabetização das crianças teuto brasileiras ministrando-lhes ao mesmo tempo, ensinamentos do idioma alemão. Em 1928 instalou-se aqui a Escola Remington, de

datilografia. Dirigido pelas irmãs da Congregação de Jesus Maria José, o colégio com esse nome está em Santo Amaro desde 1930. Suas instalações na Adolfo Pinheiro foram inauguradas em 10 de fevereiro de 1935. Já tinha internato e externato, mas só para meninas (BERARDI, 2005. p.p. 146, 148 e 163).

Em 1928 construiu-se a primeira adutora de Santo Amaro. A linha de bondes de carga da Light transportou os materiais com economia e em um ano, a capital de São Paulo e Santo Amaro, recebiam 86 400.000 litros de água por dia. As mulheres já não lavavam roupa no rio desde 1909, quando Antônio Forster fez construir e inaugurou uma lavanderia pública no Iguatinga.

Os pioneiros da aviação: na Represa apareceram vários pioneiros da novidade para ali fazerem demonstrações. Em 1927 o marquês italiano Francesco De Pinedo atravessou o oceano Atlântico, com Carlo Del Prete e Vitale Zaguetti, alcançando a América depois de trinta horas de vôo. Veio amerissar nas águas de Santo Amaro no dia 27 de fevereiro. E quanta gente veio ver a novidade! Naquele tempo sem televisão, tudo virava festa.

Os jovens faziam festas e passeios na praça, sob o olhar atento dos mais velhos, muitos casamentos que perduram até hoje foram forjados neste vai vem de rapazes e garotas.

Em 1933 foi organizada a primeira linha de ônibus para Santo Amaro, nº 79. O percurso era feito pela estrada velha (atual Avenida Santo Amaro) Era muito estreita, de terra, e mal dava pra dois veículos grandes se cruzarem. Em continuação seguia pela Brigadeiro Luis Antônio até o Largo São Francisco. Quem pegava recebia um papelzinho cor-de-rosa. Havia na saída uma caixa com um bocal de forma ovalada na qual o passageiro punha o papel. Posteriormente o trajeto do 79 foi mudado: seguia pela Brigadeiro até encontrar a Av. Brasil, depois continuava pela Nove de Julho até o Anhangabaú.

Quando cessou o pedágio da Washington Luís, criou-se a linha 103: o ônibus seguia por lugares desertos e escuros até onde hoje passa a 23 de Maio e chegava ao Anhangabaú.

Depois da formação dos grandes lagos, surgiu a possibilidade de Santo Amaro desenvolver o setor turístico: S/A Derron Sansom, formada em 1925, se propunha a construir e conservar uma estrada de rodagem com direito de cobrar pedágio (de 40 réis) durante 15 anos. Ao terminar esse prazo a obra reverteria para o domínio público. A nova auto-estrada (atual Washington Luís) foi construída para dar acesso

a um novo bairro, chamado Interlagos, entre as represas Billings e Guarapiranga. Era um projeto ambicioso da S/A Auto Estradas, proprietária das terras que iam do Ibirapuera até o Socorro, passando pelo Brooklin. Previa a instalação de um núcleo residencial de alto padrão com áreas de lazer, comércio e mesmo um centro industrial. A empresa Auto Estradas construiu também uma pista de pouso em Congonhas

O autódromo: os primeiros automóveis do Brasil começaram a circular em fins do século XIX (Em 1908 fundou-se o Automóvel Clube, que reunia interessados no desenvolvimento do automobilismo. Começaram a organizar corridas de automóveis, que estimulassem o gosto por esse esporte, e nesse ano se fez o circuito de Itapeverica, ligando Pinheiros a Santo Amaro. Foi a primeira corrida de automóveis em toda América do Sul) (BERARDI, 2005. p.p. 168, 173, 181 e 183).

3.11) Adaptação dos imigrantes a Santo Amaro

Decorridos alguns anos, os colonos já tinham adquirido certa independência e bem-estar, cultivavam suas terras e continuavam a trabalhar na sua produção agrícola. Esses alemães vendiam seus produtos na redondeza ou na Vila de Santo Amaro ou no mercado de São Paulo, construído na atual Avenida João Dias. Lá havia um muro de taipa, e atrás um barracão onde o pessoal do sítio passava a noite. Dormiam até as duas da tarde, depois levavam as mercadorias para o Chico turco e ele transportava até a estação do trem para levar a cidade. Esta foi a tentativa de colonização mais barata que se fez, no decorrer dos tempos, em todo Brasil. Foram inúmeras as dificuldades, desde o aprendizado do idioma português e dos hábitos da terra que escolheram para viver. Os mais velhos conservaram suas tradições e seus trajes tradicionais da terra distante. No começo não havia escolas para as crianças e a referência da própria língua foi se perdendo ao longo do tempo. Para os luteranos, típico do protestantismo que se seguiu na Alemanha do século XVI, as dificuldades eram ainda maiores; sem templos e pastores para celebração de sua religião, batizavam os filhos em igrejas católicas. Somente em 1840, criou-se na Colônia o primeiro cemitério protestante e templo próprio (BERARDI, 2005. p. 137, 155 e 156).

A opção imediata dos moradores era às atividades agrícolas, aumentando consideravelmente a produção de gêneros alimentícios para abastecer os centros urbanos. Além de fornecer arroz, feijão, milho e mandioca entre outros gêneros alimentícios, também comercializavam no Mercado de São Paulo gado, aves, madeira e carvão. Os imigrantes fundaram vilas como Cipó e Parelheiros, (referência a parselhas de disputas entre cavaleiros alemães e caboclos brasileiros).

Além disso, por ser localizada em matas naturais era de difícil acesso e por isso tiveram que abrir as primeiras estradas locais. Mesmo assim, a região apresentou um espírito empreendedor, provendo-se de luz elétrica. Também outros em comum acordo de acesso foram abrindo picadas para o município de Embú-Guaçú, possibilitando a ocupação do vasto Sertão de Santo Amaro, termo usado então para a localidade que tinha cursos d'água e proximidade com a imensa Mata Atlântica (JORNAL GAZETA DE SANTO AMARO, Borges, 1994 ACERVO BIBLIOTECA PÚBLICA PRESTES MAIA).

Devido ao conhecimento adquirido e trazido da Europa, desenvolveram em Santo Amaro ofícios como: sapateiros, ferreiros... Alguns eram cirurgiões que na Europa era profissão considerada inferior, pois se praticavam amputações e era trabalho de grande esforço físico, bastando adquirir a “carta de cirurgião” para exercer a prática, eram estes os “médicos” de grande valia no local onde não havia médicos legais locais que foram aos poucos se destacando em Santo Amaro devido ao descaso do poder público paulista para com a cultura da Colônia Alemã (MUSEU DO IMIGRANTE, 2009).

Estes imigrantes precisavam se adaptar a um novo modelo de estrutura social diferente daquela exercida na terra natal. Deveriam reconstruir suas vidas com muito trabalho e cumprir as exigências constitucionais do Brasil já independente.

Com a chegada dos imigrantes, houve um aumento no desenvolvimento da cidade e diversificação dos serviços e produtos comercializados. Na área da cultura, a música clássica foi introduzida pelos alemães e os italianos trouxeram a ópera e o canto lírico. No comércio, os alemães e franceses importavam tecidos e eram padeiros, confeitores e curtidores de couro. Os alemães também eram os principais responsáveis pela produção de papel. A partir dos alemães, Santo Amaro passa a ser considerado o "celeiro da capital", sendo o único município da província a produzir batatas, além de fornecer arroz, feijão, milho e mandioca à São Paulo.

Também comercializavam no Mercado de São Paulo gado, aves, mucuta (canela e lenha), madeira e carvão.

Eles fundaram vilas (Cipó e Parelheiros) abriram estradas, como a antiga estrada de Parelheiros (atual Av. Sen. Teotônio Vilela e Av. Sadamu Inoue), que liga o Rio Bonito ao município de Embú-Guaçú, e que possibilitou a ocupação do vasto sertão que a cercava, regado por inúmeros cursos d'água e povoado pela imensa Mata Atlântica.

Relatos de alguns descendentes de moradores tradicionais da região colocam que haviam negros que trabalhavam para os alemães como escravos, o que levou a alguns alemães a se misturarem com os negros, como é o caso de José Guilger Helfstein, agricultor, nascido na região do Bororé, descendente de alemães, e casado com uma senhora negra, dona Maria da Silva Helfstein. Mesmo assim, a região apresentou um espírito mais empreendedor, pois os alemães estavam prontos a aderirem ao progresso, e foram os primeiros a prover-se de luz elétrica, primeiros motoristas de Santo Amaro, abertura de estradas, como a de Parelheiros aberta por Henrique Schunck em meados do século XIX. A presença primitiva de alemães na região de Santo Amaro, levou outros imigrantes que chegariam ao Brasil no final do século XIX e início do XX, a escolherem esse sítio como morada. Os portugueses montavam granjas de aves e gado; espanhóis (Catalunha) comercializavam roupas femininas; árabes, turcos e judeus, tecidos; russos e ingleses eram operários, comerciários e bancários e alemães para os altos cargos de chefia nas indústrias. Para algumas colônias, chegou-se a fazer o planejamento, e a contratação de administradores e profissionais liberais para a formação das colônias, que vinham para o Brasil e formavam sua vida aqui.

O processo imigratório foi de extrema importância para a formação da cultura brasileira. Esta foi, ao longo dos anos, incorporando características dos quatro cantos do mundo. Basta pararmos para pensar nas influências trazidas pelos imigrantes, que teremos um leque enorme de resultados: o idioma português, a culinária italiana, as técnicas agrícolas alemãs, as batidas musicais africanas e muito mais. Graças a todos eles, temos um país de múltiplas cores e sabores. Um povo com uma cultura diversificada e de grande valor histórico.

Imigrantes alemães contribuíram para o desenvolvimento do estado em setores tão diversos como a indústria, o esporte, a arquitetura e a educação.

Os alemães também se destacaram com suas fábricas de chapéus e chocolates, além de cervejarias, como não poderia deixar de ser. Tanto a Antarctica quanto a Brahma foram fundadas por imigrantes da terra da cerveja, assim como muitas outras incorporadas pelas duas gigantes, unidas desde 1999 na Ambev.

A Colônia Alemã de Santo Amaro, obviamente não teve o sucesso de outras, como a da São Leopoldo no extremo Sul, que prosperou. Em Santo Amaro, a opção de seus moradores foram as atividades agrícolas, aumentando consideravelmente a produção de gêneros alimentícios para abastecer os centros urbanos (BERARDI, 2005. p. 215 -228).

3.12) Mistura cultural

Matrimônios de europeus com as que eles denominavam “negras da terra” originaram as mais antigas famílias paulistas, cujo traço fundamental era a miscigenação: seus filhos legítimos eram mamelucos e traziam uma intrincada mistura cultural. Se, por um lado, vestiam-se à européia, falavam português e eram católicos, por outro, entendiam-se dentro de seus lares nas línguas maternas e mantinham muitos hábitos e formas de lidar com a natureza indígena. Os descendentes dos primeiros que vieram se uniram aos naturais da terra, e resultaram numa estranha mistura: crianças muito louras e pele morena, olhos azuis, magras a altas. Em nada se diferenciam dos cablocos: esqueceram o joelho de porco, os cremes de leites, os choucrouts, e passaram a usar o brasileiríssimo feijão, farinha de palmito que iam buscar no mato.

Esses alemães e seus descendentes aos poucos se integraram na população e conquistaram lugares de mando na cidadezinha (BERARDI, 2005. p. 89).

A década de 30 foi difícil para os alemães no Brasil, não somente por causa da nacionalização de Getúlio Vargas, que tentou combater a propaganda nazista com sua campanha de nacionalização e ao mesmo tempo, ele queria limitar qualquer influência política dos alemães. Como por exemplo, falar alemão em público foi proibido. Mas também porque foi a época das ditaduras: Salazar em Portugal, Mussolini na Itália, Stalin na Rússia, Hitler na Alemanha e Vargas no Brasil. A ideologia de Hitler encontrou adeptos em vários lugares, e o próprio Getúlio chegou a simpatizar com ela.

A polícia também chegava à casa das pessoas e dava fim em tudo o que estivesse escrito em alemão. Até Bíblias foram confiscadas nessa época, e houve quem destruísse aqueles pratos de parede que as famílias alemãs tinham com os dizeres *Glaube, Liebe, Hoffnung* (Fé, amor, esperança), só para evitar problema.

Essa época foi difícil, pois os jornais foram proibidos, cultos e missas em alemão também, assim como reuniões nas associações que os alemães fundaram, de canto, ginástica e atiradores. Mas o pior de tudo foi o fechamento das escolas, pois eram centenas, e o governo não tinha condições de assumir de uma vez todos esses alunos, foi um caos.

As tradições alemãs sofreram muito e, onde antes havia bailes, festas, teatro e cantoria, se estabeleceu o silêncio e o medo. Uma geração inteira ficou sem conhecer suas raízes, o que é importante como orientação e para a identidade. Muitos esqueceram o alemão que sabiam, ou nem aprenderam a língua, o que é uma perda irreparável.

Somente depois é que a vida nas regiões de colonização alemã tornou a voltar ao ritmo normal. Calcula-se que um quinto dos gaúchos falem alemão, uns falam bem, outros só um pouco. Há quem fale também o dialeto do Hunsrück, mas isso infelizmente está se perdendo, tanto o alemão como o dialeto (MUSEU DO IMIGRANTE, julho. 2009. Nosso Século. op. Cit. V. 2 p. 279).

3.13) De Vila a Município

Em 1832 Santo Amaro tornou-se município, separado de São Paulo (fig. 4), sendo instalado em 7 de abril de 1833, município abrangia todo o território que se situava ao sul do antigo Córrego da Traição, hoje em dia canalizado e sobre o qual existe a Avenida dos Bandeirantes, estendendo-se até a Serra do Mar. Incluíam na sua formação, também as áreas que hoje correspondem aos municípios de Itapecerica da Serra, Embu, Embu-Guaçu, Taboão da Serra, São Lourenço da Serra e Juquitiba, que se separaram em 1877 para a formação do município de Itapecerica da Serra (BERARDI, 2005. p. 230).

Thiago Teixeira

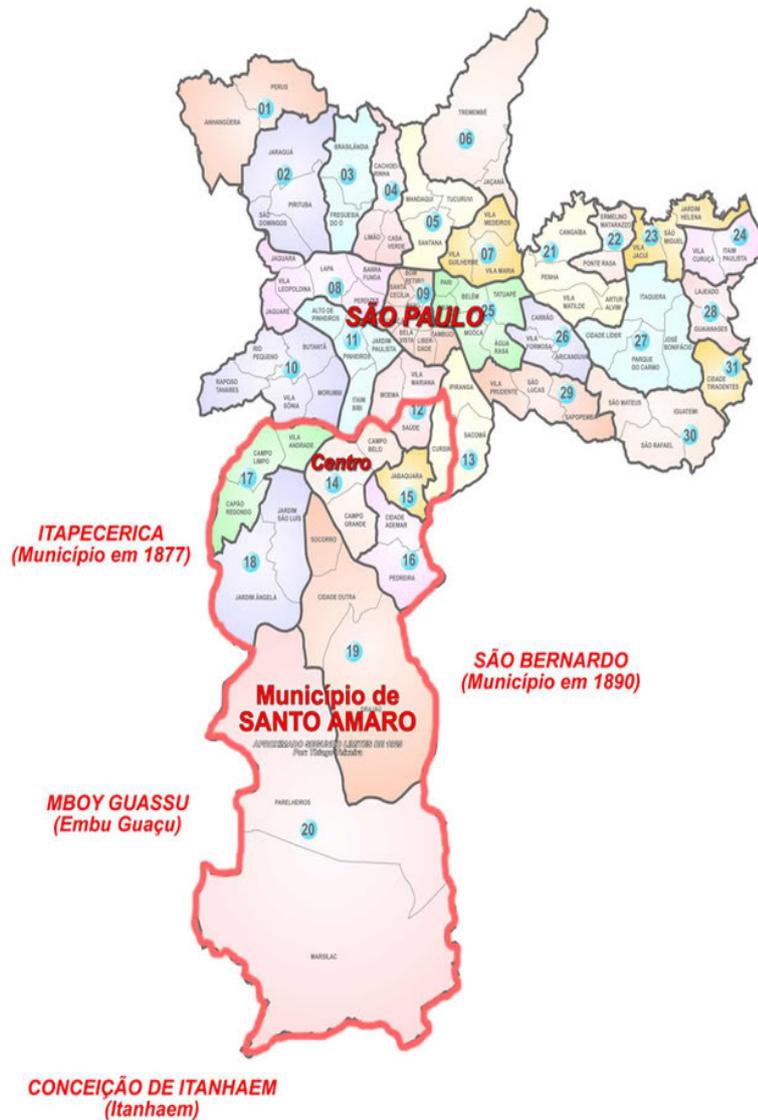


Fig. 4 – Mapa do Município de Santo Amaro, 1932. Disponível em www.media.photobucket.com, acessado em 27/10/2009.

Porém em 22 de fevereiro de 1935, o decreto Nº 5.983, devido a fatores econômicos, extingue o Município de Santo Amaro, cujo território passa a fazer parte do município de São Paulo.

CAPÍTULO III

4. A Incorporação do Município de Santo Amaro por São Paulo

Este capítulo tem o objetivo de destacar o nosso recorte temporal e apontar os principais acontecimentos históricos dessa época (1930 – 1935), que contribuíram para a anexação do Município de Santo Amaro ao Município de São Paulo.

4.1) A década de 30 e as influências estrangeiras

A conclusão do Plano Agache coincide com a Revolução de 30 e a descontinuidade administrativa acarreta a sua avaliação por uma comissão que decide pela aceitação de suas propostas com modificações. O plano não é implantado, mas acaba por se constituir num marco no urbanismo, pois, a sua elaboração estimulava a discussão das questões da cidade (STUCKENBRUCK, 1996. p. 54).

Publicado em um almanaque (1932), por Juvêncio e Jurandir Guerra que Santo Amaro passaria por uma grande reurbanização sob orientação do então consagrado urbanista francês Dr. Alfred Agache. Naquela oportunidade referindo urbanista foi recebido pelo prefeito de Santo Amaro, Dr. Ferreira Lopes, que levou a vários locais pitorescos de nossa região tendo se demorado mais na torre da Igreja Matriz. Na Catedral e das alturas vislumbrou extasiado a paisagem da cidade. Lembrando que estamos falando de 1932 quando àquele local podia descortinar todo Santo Amaro. Dali via-se seguindo as notícias as lutas de construção residenciais e novos bairros como Alto da Boa Vista, as duas Represas Guarapiranga e Billings. A época tais logadouros era cercada de ricas vegetações da mata Atlântica e a beleza do lugar levou Agache a tecer os mais lisonjeiros elogios (STUCKENBRUCK, 1996. p. 60).

Tais reformas na cidade consistiam na construção de campos para lojas infantis, Golfes Club, piscinas e um estádio para jogos olímpicos. Não sabemos na cidade se tais obras foram construídas porque nada restou daquela época, a não ser a torre da Catedral (CAPELATO, 2008. p. 77).

Começaria a nascer, então, o projeto do bairro Balneário Satélite da Capital, ponto que seria criado justamente visando às classes mais ricas da sociedade. Até

mesmo uma praia, com areia vinda de Santos, foi criada junto à represa construída menos de 30 anos “Louis Romero Samsung comprou o terreno onde fez o aeroporto de Congonhas e também passou a lotear os terrenos em Interlagos”, conta o historiador Paulo Scali “Foi ele quem fez o aeroporto e também Interlagos, a criação da Avenida Washington Luís.

“Ele fez acordo com os donos das granjas que existiam na região e abriu a estrada”, conta Maria Helena Berardi. “Queriam abrir o acesso a Interlagos para fazer de Interlagos um bairro satélite. Teria um hotel maravilhoso, praia artificial na represa e também teria o autódromo e ainda uma série de outras coisas para as pessoas morarem em Interlagos. Naquela época as pessoas gostavam de morar muito no centro, além de casas, o local também teria centros de lazer e um ginásio esportivo”. O plano ia bem até estourar a crise de 1929, nos Estados Unidos, e a revolução de 1932 em São Paulo. Sem dinheiro, o projeto esfriou e só passou a ganhar força no meio da década seguinte. E isto graças ao sucesso que as corridas de automóveis passaram a obter no país (principalmente no Rio e em São Paulo) (BERARDI, 2005. p. 222).

Em 1938 o Plano Agache ainda provoca controvérsias. Affonso Eduardo Reidy, um arquiteto brasileiro, considerado um dos pioneiros na introdução da arquitetura do país discorda da proposta feita para a Esplanada do Castelo de quadras com áreas internas, segundo ele, um resíduo da rua corredor, com deficiências de ventilação e iluminação. Propõe o aproveitamento. Reidy se destaca por sua fidelidade aos princípios do urbanismo modernista - com a criação de espaços livres, a separação dos tráfegos rápido e local, com auto-estradas elevadas a 5,00m acima do solo. Anos mais tarde, Hermínio de Andrade e Silva e Rosário Fusco propõem a redivisão de quadras existentes para o seu aproveitamento por edificações verticalizadas, com vistas ao aumento das áreas livres. Isso parece demonstrar que os princípios do urbanismo modernista eram ao final da década de 30 ainda de difícil assimilação, ao contrário dos princípios arquitetônicos. Não são freqüentes projetos dirigidos para um local específico, que incluam a separação de vias para veículos e pedestres e a concentração em torres. Presentes estão os pilotis e os blocos de diferentes alturas. Por outro lado, os elementos da “Ville Radieuse” de Le Corbusier - sol, ar e vegetação já se tornavam determinantes nos projetos (STUCKENBRUCK, 1996. p. 62).

A partir dele, a discussão se qualifica e buscam-se de maneira mais intensa os exemplos do exterior, não importa quão distante se localizem.

Armando de Godoy (1932) escreve sobre cidades industriais nos EUA e na Rússia, que se dedica a época à construção de uma nova sociedade. José Estelita (1933), usando o mesmo país como exemplo, divulga as cidades socialistas e lineares segundo plano de Arturo Soraya Mata. O urbanismo deve dar as costas ao passado e voltar-se para o futuro. Le Corbusier propõe a negação das idéias e propostas de Agache, por entender que representam aquilo com o que se deveria romper. Mas a urbanização do trajeto foi muito rápida com o loteamento das chácaras e sítios que deram origem a vários outros bairros, como Chácara Santo Antonio e Santo Amaro (STUCKENBRUCK, 1996. p. 57).

Segundo Kleber Marcos de Paula, as cidades devem ser reestruturadas obedecendo a critérios, que não podem mais ser aplicado nas cidades obsoletas dos cinco continentes, mas nas cidades cuja organização marca o início de um novo “surgimento urbano” (PAULA, 2008. p.p. 70-78).

4.2) Movimento de 32 em São Paulo e suas marcas em Santo Amaro

A revolução constitucionalista de 1932 (fig. 5) foi enaltecida por seus protagonistas que consideram o movimento cívico que se registrou no Brasil.

Na tentativa de situar o levante em 32 no contexto mais amplo das lutas sociais, procuramos apresentar elementos importantes para a compreensão do Movimento como um todo. Apresentaremos um relato sucinto dos acontecimentos que antecederam a eclosão da luta armada. Os articuladores do Movimento, a quem se dirigiam na tentativa de mobilização para a luta, e quais valores acabaram compondo o “ideário da Revolução”. Este movimento definiu a Getúlio Vargas o levante paulista contra o revolucionário movimento reacionário que se levantava. Os representantes do movimento paulista responderam a essas acusações, procurando destruir a imagem da Revolução de 30, como instauradora do novo e apontando para 32 como marco divisor dos tempos na história do Brasil quando uma nova era se inicia (CAPELATO, 1981. p. 11).

A documentação sobre a Revolução de 32 notifica de remas com panfletos, os artigos da época constituem em materiais importantes para a compreensão do “levante paulista de 32”. Aponta na década 30 e 32 como um momento de luta entre o poder e a oligarquias paulista. Nesta visão, a luta passa tangente ao eixo central das contradições básicas da sociedade e exclui do movimento a presença de outros agentes sociais. Neste ideário, dois temas se destacam a luta por São Paulo e a luta pela ordem. Em São Paulo se concentrou o maior foco de reação. O governo fora confiado a um militar não paulista tenente João Alberto, com isso, muito se ressentiu o PD (Partido Democrata), pois em acordo preliminar com Getulio Vargas, ficara assentado que a direção de São Paulo seria entregar a um de seus membros Francisco Morato. Dessa maneira a revolução já começara para o PD sob o signo da traição, as escolhas do primeiro secretariado - o chamado secretariado dos 40 dias - amainou as contrariedades, pois dele participaram vários representantes da oposição. Com renúncia, os sinais de desaprovação reapareceram (CAPELATO, 1981. p. 14).

No início de 31 era visível a decepção da oposição paulista para a Revolução de 30. Na luta contra o PRP (Partido Republicano Progressista) havia apoiado os revolucionários na esperança de ter acesso ao poder, a Revolução caminhava rumo ao fortalecimento do poder central, em detrimento da autonomia de São Paulo. Vale ressaltar que em São Paulo teve muitos interventores que participaram da revolução entre esses alguns se destacaram mais e outros menos, assunto do qual veremos nos textos a seguir (CAPELATO, 1981. p. 15).

Em 7 de Abril, João Alberto interventor lançou um manifesto, no qual se dizia que São Paulo é um território militarmente ocupado e insistia-se na necessidade de um governo paulista e civil. O PD opera com João Alberto, mas ambos se mantinham fiéis a Getulio Vargas. Este teve muita pressão de seus opositores e acabou se demitindo do cargo. Miguel Costa queria substituí-lo. A reação do PD e até mesmo PRP levou Getulio Vargas a indicar Plínio Barreto, que apesar de membro do Partido contava com a simpatia dos democratas. Foi então nomeado Laudo Ferreira de Camargo, uns políticos neutros, paulistas e civis. Meses depois o interventor renunciou em virtude de desavenças. Como representantes deste, assumiu General Manuel Rabelo (CAPELATO, 1981. p. 16).

Entre 1931 e Fevereiro de 1932, PD procurou alianças em outros Estados, rompeu publicamente com Getulio Vargas e concretizou um acordo com PRP, seu

inimigo de antes. Os paulistas levantaram a bandeira de luta do constitucionalismo, surgia nesse momento o denominador comum capaz de possibilitar a ação políticas unificadora dos vários grupos e concorrentes.

Diante das forças de reação, Getulio Vargas decidiu acelerar o processo de constitucionalização. A lei foi assinada formou-se uma comissão anteprojeto da Constituição (CAPELATO, 1981. p. 17).

O ideal dos grupos da oposição era depor Getúlio Vargas e reconstitucionalizar o país. Esse movimento sempre foi muito cultuado pelos segmentos mais tradicionais das elites paulistas. Em São Paulo, nomeou-se para a interventora um positivo neutro, paulista e civil (Pedro de Toledo). A notícia veio com entusiasmo, ocorreram passeatas foram organizadas em 22 de Maio e se o intensificaram dia 23, quando então foi assaltada a sede do partido Popular Progressista de Miguel Costa despreparado o prédio do jornal. As articulações para a luta armada vinham sendo feitas desde o início do ano. As ligações militares estavam sob direção do Gal. Isidoro Dias Lopes, que mantinham estreitos contatos com os políticos (CAPELATO, 1981. p. 18).

Em 9 de Julho eclodiu o Movimento por iniciativa de Bertoldo Klinger e democratas paulistas. Pedro Toledo acabou concordando em permanecer á frente do Governo do Estado os paulistas haviam montado uma organização clandestina contra o governo federal e esta articulação se tornaria pública na noite de 9 de Julho de 1932, quando tropas da Segunda Região Militar, sob o comando do general Isidoro Dias Lopes e do Coronel Euclides Figueiredo desfecharam uma fulminante manobra de ocupação de pontos estratégicos da capital paulista (CAPELATO, 1981. p. 19).

Os revoltosos esperavam receber a adesão de outros estados. Contudo, logo após a eclosão do Movimento, Flores da Cunha (interventor) em Minas Gerais apoiou Getulio Vargas aceitou negociar com interventores de outros Estados se colocaram ao lado do Governo Federal, oferecendo tropas para lutar contra o movimento paulista. O jogo de forças estava, pois, definido (CAPELATO, 1981. p. 21).

4.3) Os articuladores de 32 e a mobilização para a luta

Os representantes da classe dominante paulista empenharam todos os esforços nas articulações do Movimento, através dos interesses particulares, apareciam como universais, ou seja, como representantes dos interesses de todos. Membros do PD e do PRP, representantes do setor agrário, atuaram juntos na luta pela defesa de São Paulo contavam com adesões dos comerciantes e industriais. As classes conservadoras de São Paulo se colocaram contra o Governo Provisório que representava outras classes dominantes brasileira, interessadas no fortalecimento do Estado, na sua intervenção na esfera da política e da produção (CAPELATO, 1981. p. 22).

Os cafeicultores paulistas não foram prejudicados pela política econômica de Vargas. Ao assumir o poder, o representante do Governo Provisório prometeu socorrer a lavoura de café, enquanto isso os lavradores tomou partido no Movimento de 32, mobilizando seus recursos na “preparação econômica da Guerra”. Manifestaram-se diretores e superintendentes da sociedade rural Brasileira e o presidente do Instituto do Café (CAPELATO, 1981. p. 23).

Assinalava-se participação dos advogados, engenheiros, dentistas, farmacêuticos, professores, funcionários públicos, estudantes muitos outros, que formaram batalhões. Em São Paulo, o largo São Francisco foi transformado em verdadeira praça de guerra. Em vista disso, dava-se ao Movimento de 32 o caráter de uma luta entre a “elite intelectual”, a “consciência esclarecida do país”, contra a “soldadesca da ditadura”. Os altos falantes eram usados em praça pública e gritava “São Paulo de Borba Gato, São Paulo de Anhanguera” (CAPELATO, 1981. p. 29).

Os valores na mobilização ideológica se articulavam na luta pela ordem e na luta por São Paulo, uma vez mais universalizando o particular, dizia-se que São Paulo desafia a ditadura em nome do Brasil. Por trás dessas desavenças constituíram imagem de uma luta separatista na qual São Paulo, se levanta contra a Nação. Os interesses dominantes paulistas e a nova política que vinha sendo posta em prática pelo Governo Provisório (CAPELATO, 1981. p. 30).

4.4) M.M.D.C. na Revolução de 32

A política encontrava-se sem uma Constituição que formasse uma identidade nacional., não havia Congresso Nacional, assembléia. Em 1932, o Brasil estava vivendo um período da ditadura varguista em que o país se legislava nem câmaras municipais. Contra isso a sociedade paulista começou a se organizar e os estudantes paulistas prepararam uma série de manifestações contra Getúlio Vargas que eclodiram pela capital paulista, em um clima crescente de revolta no dia 23 de maio daquele ano. Um grupo tentou invadir a Liga Revolucionária - organização favorável ao regime e que ficava situada nas proximidades da praça da República. Os governistas resistiram com armas e acabaram matando quatro jovens: Martins, de 23 anos, Miragaia, de 21 anos, Dráusio, de 14 anos e Camargo, de 34 anos. Logo se formou a sigla M.M.D.C, com as iniciais dos primeiros mortos, símbolos da luta contra a ditadura, e organizou-se um grupo para preparar uma revolução que exigiria de Getúlio uma constituição para o Brasil (BERARDI, 2005. p. 19).

Os paulistas haviam montado uma organização clandestina contra o governo federal e esta articulação se tornaria pública na noite de 9 de Julho de 1932, quando tropas da Segunda Região Militar, sob o comando do general Isidoro Dias Lopes e do Coronel Euclides Figueiredo desfecharam uma fulminante manobra de ocupação de pontos estratégicos da capital paulista. Na madrugada do dia 10, o quartel de Quitaúna, o único que esboçara resistência, acaba por abrir suas portas. E assim, sem disparar um tiro, os rebeldes passaram a controlar o Estado de São Paulo. É o começo da Revolução Constitucionalista de 32 (BERARDI, 2005. p. 23).

Ocorreu no Estado de São Paulo, Brasil, entre os meses de Julho e Outubro de 1932 tendo por objetivo a derrubada do Governo Provisório de Getúlio Vargas e a promulgação de uma nova constituição para o Brasil. A revolução de 1932, a qual acabou com a autonomia que os estados gozavam durante a vigência da constituição de 1891. Em 1930 a revolução impediu a posse do governador de São Paulo Júlio Prestes na presidência da República e derrubou do poder o presidente Washington Luis que fora governador de São Paulo de 1920 a 1924, colocando fim à República Velha Atualmente, o dia 9 de Julho que marca o início da Revolução de 1932, é a data cívica mais importante do estado de São Paulo e feriado estadual. Os paulistas consideram a Revolução de 1932 como sendo o maior movimento cívico

de sua história. Foi a primeira grande revolta contra o governo de Getúlio Vargas e o último grande conflito armado ocorrido no Brasil (CAPELATO, 1981. p. 33).

4.5) Marcas da Revolução de 32 em Santo Amaro

Enquanto acontecia o movimento cívico na história de São Paulo, Santo Amaro se organizava para a comemoração de seu centenário. Em 10 de Julho de 1932, Santo Amaro comemoraria seu primeiro centenário como município autônomo, e uma grande comemoração estavam sendo organizada. Realizada a inauguração do serviço de abastecimento de águas, desfile cívico, militar e religioso. Às oito da noite, aconteceria o espetáculo de gala no recém inaugurado cine São Francisco, enquanto uma companhia lírica encenaria a ópera: O Rigoletto de Verdi. O ponto alto era uma grande exposição de feira instalada no grupo escolar, que agora se chama Paulo Eiró. A responsabilidade da exposição seria delegada a Pedro Paulo Lanza. A Cia. Antártica ofereceu-se para colaborar e o governo do Estado deu cinquenta contos para ajudar (BERARDI, 2005. p. 199).

Encontrou-se em Santo Amaro um ambiente admirável reinando o entusiasmo e a alegria por toda parte. E chegava muita gente nos bondes, nos ônibus e automóveis. Mas, com eles, uma notícia no jornal: Na madrugada de hoje estalou um amplo movimento pela volta da Constituição! Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Mato Grosso e Santa Catarina aderiram. (BERARDI, 2005. p. 200).

Não há festas, segundo o livro de Maria Helena Berardi, durante a missa campal que qualificada conforme as circunstâncias da sua celebração em grandes áreas abertas para concentração explodiram três morteiros e um deles, abrindo-se no espaço formou bandeira de São Paulo, que pairou alguns minutos sobre a multidão. Ajudou a despertar o sentimento de civismo, incentivando a luta por um governo que seguisse leis. (BERARDI, 2005. p. 200).

Os santamarenses trocam ramo fraque de festa pelo uniforme cáqui, formando o 1º contingente que pegou nas armas e foi lutar. Houve apenas uma baixa deste grupamento, voluntário Delmiro Sampaio.

São Paulo pegou em armas para exigir a volta da legalidade do País. Solidários ao Estado, os santamarenses, dando o mais belo exemplo de compreensão e civismo, trocaram suas alegorias pelas fardas do soldado bandeirante. Quando

esses santamarenses se apresentaram ao Sr. Cel. Euclides de Figueiredo disseram apenas: "Queremos armas e munição". Diante de tamanho destemor, imediatamente respondeu o Coronel que a partir daquele instante estava criada a "Companhia Isolada do Exército de Santo Amaro" (BERARDI, 2005. p. 201).

4.6) Um exército despreparado

Da noite para o dia, os paulistas viram-se na contingência imperiosa de farda, municiar, transportar alimentar um exercito de 25 mil homens, inexperiente, relata Paulo Nogueira filho. Organizaram treinamentos rápidos, onde recrutas aprendem a lidar com granadas de mão, metralhadoras, morteiros de trincheiras. Receberam aulas de socorro de urgência. Fizeram capacetes de aço, a urgência na fabricação de capacetes levou a mobilização de crianças para esse trabalho, porque descobriram que não há material bélico, nem munição. Então a escola politécnica, sob a direção de Mário Wassily, orientou a fabricação de morteiros de trincheiras e o instituto de pesquisas tecnológicas começa a fabricar explosivos de mão como já citado. Aconteceu que alguns soldados não sabiam distinguir o pé direito do esquerdo e, então, o instrutor enfiava-lhes entre o dedão e o seu vizinho do pé direito uma palha de espiga de milho (BERARDI, 2005 .p. 203).

4.7) Enganando o inimigo

São Paulo, em pé de guerra improvisava tudo que julgasse necessário. Granadas, fuzis, bombas, canhões, capacetes de aço e até um trem blindado a arma fantasma dos paulistas. Improvisaram imitações de avião para ficarem ao relento, enquanto os verdadeiros eram escondidos. Os aviões da ditadura eram conhecidos como vermelhinhos atacavam soldados sem revide, pois não havia metralhadoras antiaéreas. Faltava dinheiro circulante, São Paulo vai fabricá-lo, para suprir o lastro-ouro dessa moeda, apelam para jóias. As pessoas doavam suas alianças de casamento, broches, anéis, brincos, correntes de ouro e pulseiras. Mas tarde foi construído um prédio no centro de São Paulo com o dinheiro dessas jóias. O prédio

ainda existe e é muito bonito, tem três andares e a frente ondulada como um pavilhão ao vento.

O paulista requisitou os caminhões de proprietários particulares para transportes de soldados. Muita gente fugiu: esconderam os caminhões na mata de Parelheiros e ali permaneceram várias semanas. (BERARDI, 2005, p.204).

Previu-se geração de renda com a construção do novo Campo de Aviação (Congonhas) entregue definitivamente à cidade de São Paulo em abril de 1936, substituindo o Campo de Marte, que havia sido alvo de ataque aéreo em 1932, pois seus pilotos haviam sido convocados para integrar o Movimento Constitucionalista, juntamente com outros aviadores militares que haviam aderido à causa, além de Santo Amaro possuir o represamento da Guarapiranga para moderna hidroelétrica Usina de Cubatão, também conhecida como Usina da Serra ou Henry Bordem, inaugurada em 10 de outubro de 1926, com construção Subterrânea, considerada marco de engenharia, devido ao túnel de adução ter sido escavado em rocha, protegido naturalmente contra bombardeios de aviação na Serra do Mar, que a Revolução de 32 não conseguiu destruir e parar o parque industrial (BERARDI, 2005. p.208).

A história encarregou-se de comprovar que a evolução humana se processa em função das leis. Desde o estado religioso, onde as leis evangélicas normalizam as condutas, até o estado moderno, onde a lei elaborada é o reflexo do grau evolutivo de cada nação, os dogmas, os costumes, as normas jurídicas, os direitos sociais vêm constituindo as grandes fases da civilização. Substituem-se regimes políticos, revezam-se sistemas econômicos, superam-se as experiências, trocam-se os governos, mas não é possível mudar a forma de estruturá-los, de aplicá-los ou de aboli-los. É justamente sob este aspecto que a revolução paulista cristalizou-se como um grande símbolo nas conquistas da história. Povo ainda sem suficiente amadurecimento para compreender as verdadeiras causas de suas comoções internas. O brasileiro não viu, na revolução de 1930, a medíocre agitação de políticos que apenas disputavam o poder sobre um caos econômico, cujas origens eram bem diversas da simples posição de homens ou situação de partidos políticos. Entretanto, em 1932, o paulista viu que alguma coisa de absurdo estava sendo feita: uma ditadura sem lei. O povo se levantou. Pouco importa se políticos acalentassem ambições para usufruir vantagens do heroísmo popular. Nada pode existir sem lei. Em nossa época, como afirma George Ripert, as leis são tratadas de paz entre

forças diversas, mas tratados continuamente examinados e revistos (BERARDI, 2005 p. 212).

O paulista sentiu essa verdade. A revolução, no ideal do povo, não tinha um objetivo político ou um rumo econômico. Era revolução pelo direito que não fora concedido e devia ser conquistado! E foi tamanho o entusiasmo popular reunindo homens, mulheres e crianças, que a revolução não esteve longe de ser uma epopéia, porque toda a gesta é escrita pelos povos que marcham cantando para morrer em conquista de glória. São Paulo fez uma guerra cívica. A grandeza de 9 de Julho reside nisto, porque o tempo há de corroer a mesquinhez dos interesses políticos para que o símbolo resulte puro e enorme. Símbolo feito de sangue e de sol, para a invocação da liberdade e da lei. Baseados unicamente no noticiário da época, evocando o espírito paulista de 1932, publicam, resumidamente, os principais acontecimentos durante os oitenta e dois dias de luta pela Lei (BERARDI, 2005. p. 215).



Fig.5 - Revolução de 1932. Disponível em pesquisaperegrinacultural.com.br, acessado em 23/10/2009.

4.8) O plano de urbanização é interrompido

Antônio Prado Júnior era paulista de tradicional família, filho de Antônio Prado antigo Presidente do Estado, vereador, deputado e ministro do Exterior e da Agricultura, ainda durante o Império. Como deputado abolicionista participou da elaboração da Lei do Ventre Livre. Mas ao contrário do pai, apenas se dedicava à vida particular e social e não tinha experiência política, mesmo assim foi o Prefeito do Distrito Federal. A Prado Júnior coube executar obras que melhoraram e embelezaram a cidade em diversos setores, como o calçamento os paralelepípedos com base de macadame e a asfalto de inúmeras ruas, inclusive da Avenida Suburbana até Cascadura (STUCKENBRUCK,1996. p. 53).

A Estrada Rio-Petrópolis e a Rio-São Paulo receberam grandes melhoramentos. Prado Júnior seguiu o lema do Presidente Washington Luís: "Governar é abrir estradas". Desse esforço resultou em convidar Agache, cuja projeção e importância até hoje são reconhecidos. Agache, era arquiteto francês, elaborou, junto com um grupo de técnicos estrangeiros, o primeiro plano direto para a cidade, durante o período de 1927 a 1930. A cidade, então Distrito Federal, capital da República, foi abordada de forma global, embora as atenções maiores fiquem com a área central, voltava-se especialmente para aspectos ligados à estética e ao saneamento, denominando-se um plano de remodelação, extensão e embelezamento (STUCKENBRUCK,1996. p. 53).

Na cidade do Rio de Janeiro, Remodelação, Extensão e Embelezamento, representaram o primeiro estudo sério dos problemas urbanísticos da cidade, visando a orientar seu crescimento normal, sistematizando sua expansão natural, metodizando sua vida coletiva e organizando-a administrativamente para atender suas necessidades futuras (STUCKENBRUCK,1996. p. 53).

O Plano Agache se dedicava de forma especial ao Centro da cidade, dando ênfase à engenharia urbana, ao tráfego e ao saneamento que configurava a cidade eficiente e funcional. Concebia a aglomeração urbana como um organismo humano. Agache convidado por Luis Homero Sanson a vir para São Paulo que tinha uma empresa com o nome de Sanson já comentado no texto acima pelo livro do autor Kleber Marcos de Souza Paula, o mesmo tinha um sonho de fazer um bairro cidade Satélite como dizia a idéia era transformar o bairro em grande pólo turístico, com

aeroporto, o autódromo em um grande balneário a represa Guarapiranga. E para isso que contratou o urbanista francês Alfred Agache, para os planos de urbanização (BERARDI, 2005. p. p. 216-120).

4.9) Santo Amaro deixa de ser Município

Quando Getúlio tomou posse instalando no Brasil uma ditadura suspendeu a Constituição e nomeou interventores em todos os estados, com exceção de Minas Gerais, e assim reforçando o conflito com São Paulo. Entre essas nomeações de interventores em São Paulo, Getúlio Vargas nomeia Armando de Sales Oliveira como interventor federal de São Paulo em 1933. Engenheiro e jornalista brasileiro nascido em São Paulo/ SP, foi líder político nos anos de 1930 e Diretor do jornal conservador "O Estado de São Paulo". Em 1935 foi eleito Governador de São Paulo e nesta gestão fundou a Universidade de São Paulo (USP). Renunciou ao cargo para disputar a Presidência da República por uma coligação de partidos da União Democrática Brasileira (UDB). Com a implantação do Estado Novo foi preso e exilado.

Expediu um decreto que anexava a cidade de Santo Amaro à capital. Deixando de existir, enquanto município, devido ao decreto n 6983, 22 de fevereiro de 1935. A partir desta data o Município de Santo Amaro é anexado, incorporado ao Município de São Paulo, agora como bairro, constituindo-se da subprefeitura de São Paulo (BERARDI, 2005. p. 223).

4.10) Decreto do município de Santo Amaro em 1935

O decreto Nº 6.983 de 22 de fevereiro de 1935, "extingue o município de Santo Amaro, cujo território passa a fazer parte do município de São Paulo". Havia necessidade e interesse político em antecipar a anexação de Santo Amaro. Santo Amaro era um município vastíssimo, que não conseguia se auto-sustentar; devia 500 contos ao tesouro do Estado de São Paulo, e tornou-se um distrito da capital. Dizia no decreto:

Art. 1.º - fica extinto o município de Santo Amaro, cujo território passará a fazer parte do município de São Paulo;

Art. 2º - O subprefeito será nomeado pelo Prefeito da Capital com os vencimentos anuais de 24000\$000 (vinte e quatro contos de réis);

Art. 3º - Serão mantidos os direitos dos atuais funcionários da Prefeitura de Santo Amaro, que poderão servir na subprefeitura ora, criada, ou ser reaproveitados na Prefeitura da Capital.

Art. 4º - Fica o Tesouro do Estado autorizado a cancelar o adiantamento de 500:000\$000 (quinhentos contos de réis); atualmente acrescidos dos juros de 124:658\$600 e que foi feito ao município de Santo Amaro em virtude do contrato de 18 de julho de 1931, abrindo-se para esse fim o necessário crédito.

Art. 5º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogada as disposições em contrário. Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 22 de fevereiro de 1935 (BERARDI, 2005. p. 209).

No entanto, existem várias especulações sobre o fim do município. A inauguração do Aeroporto de Congonhas, em 1934, foi uma das razões pelas quais o decreto Estadual, determinou a extinção do município de Santo Amaro, incorporando-o ao município de São Paulo. Previu-se geração de renda com a construção do novo Campo de Aviação. O aeroporto de Congonhas, entregue definitivamente à cidade de São Paulo em abril de 1936, substituindo o Campo de Marte, que havia sido alvo de ataque aéreo em 1932, pois seus pilotos haviam sido convocados para integrar o Movimento Constitucionalista (BERARDI, 2005. p. 210).

Getúlio Vargas é uma figura não muito adorada em São Paulo, mas alguns insistem que Santo Amaro perdeu o posto de município por conta da má vontade do ex presidente com São Paulo. Getúlio Vargas decidiu acelerar o progresso da de constitucionalização e com isso a classe dominante politicamente falando empenhou todos seus esforços na articulação do movimento, dificultando a eleição que seria feita de maneira indireta, metade por sindicatos de empregados. ficando restrita especialmente a São Paulo.

Outro argumento pouco convincente foi que Santo Amaro era uma cidade vasta em território, mas fraca em termos econômicos e populacionais, e o rebaixamento só veio em 1935. A verdade é que Santo Amaro já possuía a Represa de Guarapiranga, de interesse vital para o município de São Paulo, não era auto-sustentável, e polarizava grande parte das divisas com o turismo provindo da Capital

Paulista. Às margens da represa, era frequentada pelos paulistanos onde curtiam seus momentos de lazer. Considerando que dentro do plano geral de urbanismo da cidade de São Paulo, o município de Santo Amaro está destinado a construir um dos seus mais atraentes centros. Mas para a organização desse plano o Estado teria que auxiliar diretamente ou por ato da Prefeitura, as finanças de Santo Amaro, tanto que desde já declara extinta sua responsabilidade para com o Tesouro do Estado, proveniente do contrato de 18 de julho de 1931, e que muito onera o seu orçamento e dificulta a sua expansão econômica e cultural. Com todas essas possibilidades expostas, podemos considerar que realmente foi por questão política e econômica que o município de Santo Amaro foi anexado ao Município de São Paulo (BERARDI, 2005. p. 211).

4.11) Visão do município de São Paulo em 1935

É desta época o termo “São Paulo não pode parar”, tudo crescia; a inauguração do Edifício Martinelli (1929), Mercado Central (1933), Estádio Municipal, Viaduto do Chá e da Avenida Nove de Julho. Em meados de 1932 o engenheiro Francisco Prestes Maia apresentou um plano que visava dar infra-estrutura urbana ao maior centro industrial do País e neste plano os rios Tietê e Pinheiros seriam navegáveis. Foi assim que Santo Amaro, município que então fazia divisas com São Vicente e Itanhaém, tornou-se um bairro da cidade de São Paulo (BERARDI, 2005. p. 214).

Muitos moradores de Santo Amaro foram contra a anexação, e no mesmo ano em que esta ocorreu foi fundado o Centro Autonomista de Santo Amaro. Desde então, Santo Amaro já fez longas campanhas para readquirir sua autonomia, porém nenhuma delas obteve sucesso (BERARDI, 2005. p. 214).

A industrialização do novo bairro, na década de 1940, gerou uma ocupação desordenada do espaço. O bairro era uma zona de contrastes sócio-econômicos e problemas de infra-estrutura. Santo Amaro era e é um dos retratos mais fiéis da sociedade brasileira, pois é um bairro que possui condomínios de luxo, com casas em que os preços ultrapassam um milhão de reais e também há ao mesmo tempo a representação da pobreza com a favela Jurubatuba ” (PAULA, 2008. p.53).

Da sacada da casa Amarela discursaram vários moradores, e, no interior do edifício, a Comissão de festejos resolve levar sua adesão ao movimento. Desse modo, o Dr. Waldemar Teixeira Pinto, Luis Martins Araújo, Marciano Monteiro, foram ao palácio dos Campos Elíseos, onde ficava o interventor de São Paulo.

A região passou a acomodar parte do crescimento urbano da cidade, uma vez que sua área rural era imensa e relativamente próxima do Centro Industrial de Jurubatuba e dos dinâmicos centros de comércio e serviços localizados ao sul e sudoeste da região metropolitana. Para Capela afluíram significativos segmentos da população trabalhadora que buscavam área ainda não consolidada e com disponibilidade de terra urbana a baixo custo. Os novos bairros que surgiram acompanharam o padrão periférico de expansão urbana que caracterizou o crescimento de São Paulo particularmente nos anos 70. Os arruamentos penetraram em áreas onde o solo é mais vulnerável à erosão e com altas declividades que as tornam inadequadas à urbanização (PAULA, 2008. p.54).

Sem dispor de infra-estrutura urbana, de equipamentos sociais e distantes do transporte coletivo, grandes números de trabalhadores construíram suas casas em lotes, na maioria das vezes ilegais, e compradas através de longos financiamentos. O crescimento populacional é um importante indicador das transformações ocorridas na região: de 30.000 habitantes em 1960, a Capela do Socorro passou a 261.230 habitantes em 1980 e, projeções baseadas no Censo de 1991 e na Contagem da População em 1996, estimam que a região contava em 2000 com 563.922 habitantes. Isso representa um incremento populacional de mais de 768% nos primeiros 20 anos da série e novo crescimento de 115% nos últimos 20 anos. A partir de 1975 a ocupação da região de Capela do Socorro passou a ser legalmente subordinada à Lei de Proteção dos Mananciais e à legislação de zoneamento industrial. Esta última obteve certo êxito no que se refere às restrições à implantação de novas indústrias na região e ao controle de expansão das existentes. No entanto, a legislação relativa aos mananciais foi insuficiente para conter o avanço da urbanização e a degradação ambiental. A lei dos mananciais estabeleceu baixos limites de densidade para a ocupação do solo e dificultou o licenciamento de empreendimentos na área, mesmo quando adequado às normas legais (PAULA, 2008. p. 55).

Praticamente excluídos do mercado imobiliário formal, os preços dos terrenos se tornaram extremamente baixos. A depreciação do valor da terra, aliada a outros

fatores, como uma inadequada política habitacional, a baixa renda dos trabalhadores, a proximidade de grande concentração de empregos, as dificuldades de fiscalização, e certa conivência por parte dos órgãos públicos, tiveram como efeito as expansões desenfreadas dos loteamentos clandestinos e de favelas localizadas em grande parte ao longo dos córregos contribuintes das represas. Estima-se atualmente a existência de cerca de 200 bairros irregulares na região e 220 favelas. Hoje o bairro convive com diversos seguimentos: residencial, industrial prestação de serviços, bancos e universidades (PAULA, 2008. p.56).

Em se tratando de origem, lembramos que, na década de 30, os grandes políticos e realizadores de obras de Santo Amaro, foram massacrados com o golpe da ocasião, que dava fim a um dos mais importantes partidos políticos, o PRP - Partido Republicano Paulista (BERARDI, 2005. p.p. 213-214).

4.12) Tentativa de Emancipação

Após o rebaixamento em 1935 surgiram alguns movimentos autonomistas em Santo Amaro. Em 15 de Setembro de 1985, 60.383 santamarenses foram às urnas para votar em um plebiscito que previa a autonomia, no entanto, 56.232 rejeitaram a proposta. A Maioria dos habitantes do território do antigo município, nem desconfia que Santo Amaro já fosse independente de São Paulo, e os movimentos foram ficando cada vez mais fracos. Hoje em dia, a conturbação e as relações com São Paulo são tão intensas, que é muito difícil notar que ali já foi outro centro, outra cidade, a não ser por alguns detalhes que citamos aqui: A Numeração de muitas ruas de Santo Amaro, ainda converge para o Centro de Santo Amaro, e não para o de São Paulo. Os nomes de muitas ruas se repetem em Santo Amaro. A Repetição de designação de logradouros públicos é proibida, mas acontece ali pelo fato de o bairro já ter sido um município, e por nenhuma alteração ter sido feita. Na Planta do núcleo original de Santo Amaro, a convergência das ruas ainda caracteriza o seu Centro, que tem inclusive calçadas. No Guia de Ruas de São Paulo, e na boca do povo, o Largo Treze de Maio e suas adjacências ainda são conhecidos como "Centro" (BERARDI, 2005. p.p. 219-220).

4.13) Santo Amaro volta à vida de Bairro

Com o plano estadual de transformar a região em local de recreio e o crescimento industrial incentivado pelo Estado e pela subprefeitura de Santo Amaro nas décadas seguintes o bairro foi se tornando populoso.

Em 1935 com a desculpa de uma dívida discutível, Santo Amaro é caçado e anexado à Capital do Estado. Fomos dormir Município, e acordamos Bairro. Indiscutivelmente o maior bairro da Capital de São Paulo. O grande desenvolvimento da região despertava ciúmes e a intolerância de diversos grupos, que com o poder na mão foram fracionando o bairro-cidade (BERARDI, 2005. p. 221).

O largo treze de Maio, referência de nossa história e marco não só das saídas das bandeiras, mas também local de festas e comemorações religiosas, que ficaram marcadas em nossa história e acomodaram em nossos corações como costume tem uma população flutuante de mais de 2.000.000 (dois milhões) ser a primeira linha em razão da própria disposição física de pessoas por dia. (PAULA, 2008. p. 49).

Santo Amaro é singular porque tem vida própria é testemunha de uma longa história, recomeçou com os índios, segue no século XVI com jesuítas e os bandeirantes, e com as colonizações portuguesa, espanhola, alemã, italiana, japonesa e povos árabes, pela presença dos negros que chegaram à região vinda de Minas Gerais e remanescentes da guerra do Paraguai, pela independência da região no século XIX, em seguida de sua anexação a São Paulo no século XX e pela ocupação dos migrantes nordestinos nos anos de 1960. O bairro comemora seu aniversário em 15/01. Em seu entorno ainda encontram-se resquícios dos velhos tempos, com ruas arborizadas e tranqüilas, varias áreas verdes é um importante parque aquífero (BERARDI, 2005. p. 222).

CONCLUSÃO

Tendo como base o tema: transformações no bairro de Santo Amaro e a delimitação entre os anos de 1930 a 1935, podemos concluir que os grandes avanços urbanos aconteceram a partir da desintegração do Município de Santo Amaro, voltando à condição de bairro da capital, pois a partir daí é que Santo Amaro é urbanizado literalmente.

Quando chega o ano de 1932 o mundo está se reestruturando após uma grande crise econômica, com o Município de Santo Amaro, não poderia ser diferente. Ainda sendo uma comunidade rural, o Município sofre grandes desvantagens, pois além desse fato, ele ainda era um território vastíssimo não correspondendo à demanda e necessidade de sua população, que por sinal aumentava desenfreadamente por conta da imigração que ocorreu na época e anterior a ela, e por migrantes vindos de outros estados iludidos com a industrialização que começava a “encher os olhos” na parte Sul do país. Nesta mesma época com a idéia de Reurbanização, o governo de São Paulo olhando para o grande contingente de imigrantes que na vila de Santo Amaro continha, contratou o Engenheiro Alfredo Agache para projetar uma nova cidade, tendo como interesse principal, a saída da crise de 1929 que tinha também atingido o Brasil e assim consequentemente esse governo sairia fortalecido politicamente, pois a cidade poderia obter grande êxito à começar pelo crescimento econômico. Mas esse projeto ficou somente idealizado, e não saiu do papel, começando assim a surgir um local urbanizado pelas consequências de sua época e seus diversos fatores.

Em 1935, a volta do município à bairro aconteceu, por conta de uma grande dívida que o Município de Santo Amaro tinha com o Estado de São Paulo, e pelos interesses turísticos que Santo Amaro tinha, como a Represa do Guarapiranga que não era auto-sustentável e de utilidade para a capital paulista, e assim, tendo como saída a anexação do mesmo a cidade de São Paulo.

Vale á pena notar que quando houve a idéia de “reurbanização”, podemos chegar à conclusão, que na verdade não houve tal, mas sim urbanização, pois Santo Amaro estava com características de “Vila” e a proposta era de uma arquitetura de cidade. Chegamos a essa conclusão tomando como base que o projeto original visava tornar Santo Amaro uma cidade voltada para o turismo, por ter um grande manancial de

águas, onde ali se encontravam vários lagos de grande extensão, e também uma enorme área com muita vegetação de várias espécies.

Em Santo Amaro como em todo o Brasil, além dos alemães também houve a participação de outros povos, o japonês, o português, o árabe etc. que em sua coletividade além de trabalhar na lavoura, também montaram pequenas fábricas, comércio de produtos diversificados, ajudando assim o desenvolvimento da região.

Dentro desse processo, o imigrante foi o fator de destaque para a urbanização de Santo Amaro, quando aqui chegaram a maioria trouxe de seus países a experiência de trabalho, como também sua cultura que foi de grande ajuda para os que aqui já habitavam, dando como exemplo os alemães que devido á divergências políticas em seu país, a começar pela perseguição política que por ocasião do governo de Getulio Vargas ao iniciar a nacionalização, e o nazismo estar sendo praticado na Alemanha de Hitler, foram feitas diversas restrições à esse povo que aqui estavam como: livros escritos em alemão serem apreendidos, missas também não podiam ser rezadas em seu idioma, chegando ao ponto de a polícia invadir as casas e confiscar até utensílios que tinham notas em seu idioma. Os imigrantes que aqui se estabeleceram, na sua maioria desempenharam todo seu talento, tanto na forma profissional, como na cultural, na religião e nas tradições que até hoje perduram.

6. REFERÊNCIAS

ACERVO, Biblioteca Preste Maia, 2009.

ACERVO, Colégio Humboldt, 2009

ACERVO, Metrô de Santo Amaro, 2009

ACERVO, Museu do Imigrante, 2009.

ACERVO, São Paulo Golfe Clube, 2009

ACERVO, Subprefeitura de Santo Amaro, 2009.

ALVES, ROGÉRIO, O Grande Salto Populacional em Santo Amaro, São Paulo, 2006.

BERARDI, Maria Helena Petrillo, Santo Amaro Memória e História: Da botina amarela ao chapéu de ouro, São Paulo, 2005.

CAPELATO, Maria Helena, O movimento de 1932 a Causa Paulista, São Paulo, 1981.

DOMINGOS, Guilherme, Santo Amaro - Jubileu de Ouro-Distrital de Santo Amaro, São Paulo, 2001.

FAUSTO, Boris, O Brasil Republicano, São Paulo, 1984.

GARANHUNS, V. *Capela do Socorro, a história que o povo conta*. Itapeceira da Serra: Publicação independente, 1995.

LADEIRA E AZANHA. Os Índios e a Serra do Mar – A presença Mbya Guarani em São Paulo, Centro de Trabalho Indigenista, Nova Stella, 1987, São Paulo.

MORCE, Richard, Formação da cidade de São Paulo, São Paulo, 2000

PATARRA, Neide, Dinâmica Populacional e Urbanização no Brasil: O Período Pós 30. São Paulo, 1984.

PETRILLO, Maria Helena, Santo Amaro Memória e História: Da botina amarela ao chapéu de ouro, São Paulo, 2005.

PROJETO, Rumo à tolerância- USP, 2009

SIRIANI, Silvia, Uma São Paulo Alemã, São Paulo, 2003.

PAULA, Kleber, Santo Amaro e sua cultura material bandeirante, São Paulo, 2007.

STUCKENBRUK, Denise, O plano de Agache e o ideário reformista, São Paulo, 1996.

VANGELISTA, Chiara, Os braços da Lavoura, São Paulo, 1991.
PESQUISA IBGE, CENSO 2000. ACESSO EM 04/11/2009.